



DÊNIRA REMEDI

A LEITURA COMO ARTE:

A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO ARTE DE LER/CERLIJ PARA INCENTIVAR O GOSTO PELA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

Porto Alegre
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Dr. José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-Reitor: Prof. Dr. Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretor: Prof. Dr. Valdir José Morigi
Vice-Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe: Profa. Dra. Iara Conceição Bitencourt Neves
Vice-Chefe: Profa. Ms. Jussara Pereira Santos

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA - COMGRAD/BIB
Coordenadora: Profa. Ms. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Vice-Coordenadora: Profa. Ms. Neiva Helena Ely
Membros: Profa. Helen Rose Flores de Flores

CIP – Brasil – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R386a Remedi, Dênira Marizlene Rodrigues

A leitura como arte : a contribuição do Projeto Arte de Ler / CERLIJ para incentivar o gosto pela leitura na escola pública / Dênira Marizlene Rodrigues Remedi ; orientadora Ana Maria Dalla Zen. – Porto Alegre, 2005. – Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Leitura Recreativa 2. Incentivo à Leitura 3. Formação de Leitores I. Dalla Zen, Ana Maria II. Título.

CDU 028.6

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705. CEP: 90035-007
Bairro Santana, Porto Alegre, RS
Fone: (51) 3316.5146
Fax: (51) 3330.6635
E-mail: fabico@ufrgs.br

DÊNIRA REMEDI

A LEITURA COMO ARTE:

A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO ARTE DE LER/CERLIJ PARA INCENTIVAR O GOSTO PELA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Orientadora:
Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen*

**Porto Alegre
2005**

PARECER

A Banca Examinadora constituída pela Profa. Dra. Iara Conceição Bitencourt Neves, pela bibliotecária Sônia Domingues Brambilla e pela Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen, orientadora, avaliaram a presente monografia, intitulada “*A leitura como arte: a contribuição do Projeto Arte de Ler/CERLIJ para incentivar o gosto pela leitura na escola pública*” apresentada pela acadêmica Dênira Marizlene Rodrigues Remedi para conclusão do curso de Biblioteconomia, no dia 07 de dezembro de 2005, às 10 h 30 min na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, tendo sido atribuído o conceito final ____.

Porto Alegre, 07 de dezembro de 2005.

Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen, orientadora

Profa. Dra. Iara Conceição Bitencourt Neves

Bibliotecária Sônia Domingues Brambilla

Agradeço à minha orientadora,

Ana Maria Dalla Zen,

pela segurança e motivação.

À minha família, especialmente aos

meus pais pelo amor infinito.

Às minhas irmãs, Dênia e Josi,

pelo apoio e compreensão

em 'quase' todas as horas.

Ao meu irmão Zé e a

sempre cunhada Neiva,

pelo incentivo.

Aos tios, Iron e Marlí,

e aos primos

João-Vitor, Mônica e Marcela,

pelo carinho.

Aos colegas pela força.

Às "Luluzinhas", amigas com as

quais posso contar sempre.

Às professoras e aos alunos participantes

do Projeto Arte de Ler que através de seus depoimentos

possibilitaram a realização desse trabalho.

Ler sempre
Ler muito.
Ler “quase” tudo.
Ler com os olhos, os ouvidos, com o
tato, pelos poros e demais sentidos.
Ler com razão e sensibilidade.
Ler desejos, o tempo, o som
do silêncio e do vento.
Ler imagens, paisagens, viagens.
Ler verdades e mentiras.
Ler para obter informações,
inquietações, dor e prazer.
Ler o fracasso, o sucesso, o ilegível,
o impensável, as entrelinhas.
Ler na escola, em casa, no campo,
na estrada, em qualquer lugar.
Ler a vida e a morte.
Saber ser leitor tendo o
direito de saber ler.
Ler simplesmente ler.

Edith Chacon Theodoro

O livro traz a
vantagem de a gente
poder estar só e ao
mesmo tempo
acompanhado.

Mário Quintana

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de avaliar as estratégias de promoção de leitura promovidas pelo Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil (CERLIJ) do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do *Projeto Arte de Ler*. Inclui uma revisão de literatura em torno do tema leitura e de suas implicações como instrumento de ação pedagógica. Analisa o impacto das ações efetuadas pelo CERLIJ na implementação dos currículos. Discute as estratégias disponíveis para incentivar o gosto pela leitura. A abordagem da pesquisa é qualitativa, dando ênfase aos significados atribuídos pelos sujeitos à participação na experiência, sob a forma de um estudo de caso. Apresenta depoimentos dos professores e alunos das escolas e a análise de conteúdo dos relatórios gráfico-visuais produzidos pelos alunos atendidos pelo Projeto. Conclui que os resultados obtidos pelo *Projeto Arte de Ler* para a inserção da leitura na vida dos alunos e professores das escolas públicas de Porto Alegre foram eficazes para desencadear o gosto pelo ato de ler e sugere a sua manutenção.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura Recreativa. Incentivo à Leitura. Formação de Leitores.

ABSTRACT

This work was realized with the objective to evaluate the strategies of promotion of reading promoted by the Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil of the Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação of the Universidade Federal do Rio Grande do Sul, of the *Project Arte de Ler*. Includes a revision of literature on the subject of reading of resultant as instrument of act pedagogical. It analyzes the impact of actions effected by the CERLIJ in implementation of the curriculos. It argues the in use strategies to stimulate the taste for the reading. The approach from research is qualitative, giving emphasis to the significance assigned bristles subjects on the participation on experience, in the form of a study of case. Includes depositions of the teachers and pupils of the schools and it analyzes it of content of the reports grafic-visual produced for the pupils attendees of for the Project. It concludes the results obtained for the *Project Arte de Ler* for insertion of the reading in the life of the pupils and professors of the schools publics of Porto Alegre had been efficient to unchain the taste for act to read and suggests its conservation.

KEY WORDS: Reading for Pleasure. Incentive to Reading. Formation of Readers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura / **59**
- Figura 2 – Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura / **60**
- Figura 3 – Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura / **61**
- Figura 4 – Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura / **61**
- Figura 5 – Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura / **62**
- Figura 6 – Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura / **63**
- Figura 7 – Mensagem à equipe do *Projeto Arte de Ler* / **66**
- Figura 8 – Acróstico da Caixa-Estante / **67**
- Figura 9 – *Projeto Arte de Ler: Caixa-Estante* / **68**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO / 9

2 SOBRE LEITURA, LEITORES, PROFESSORES & ALUNOS / 16

2.1 A leitura como uma possibilidade de criação de uma postura crítica diante do mundo / 16

2.2 Leitura: entre o prazer e o desprazer / 19

2.3 O prazer de ler, origem, caminhos & estratégias / 24

3 A ARTE DE LER VAI À ESCOLA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES E O QUE DIZEM OS ALUNOS / 28

3.1 A leitura como um fenômeno importante para a vida / 29

3.2 Contribuição do Projeto para a formação de novos leitores / 37

3.3 O significado do Projeto para a Escola / 49

3.4 Motivação para a leitura entre os alunos / 54

3.5 Interesse dos alunos na contação de histórias / 56

3.6 As surpresas da Caixa-Estante / 64

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS / 70

REFERÊNCIAS / 74

APÊNDICE A – Roteiro dos depoimentos dos professores / 77

APÊNDICE B – Roteiro dos depoimentos dos alunos / 78

1 INTRODUÇÃO

Não há qualquer dúvida quanto à importância dos livros no percurso da História. Desde que surgiram os primeiros livros impressos, eles se tornaram os repositórios principais da cultura. Ninguém discorda também que a sua fruição representa uma forma através do qual o indivíduo se torna capaz de enfrentar os desafios do seu cotidiano e de conseguir transcendê-lo, ao oferecer o encantamento, a possibilidade de sonhar e de criar um mundo melhor, ou, pelo menos, não rotineiro. O livro tira o leitor da mesmice do dia a dia, permitindo-lhe criar novos modos de pensar e de modificar a própria existência.

Hoje há um paradoxo que vem preocupando professores, bibliotecários, pais e pesquisadores: num mundo em que nunca se teve tanta oportunidade, facilidade de acesso e liberdade de opções de leitura, percebe-se que um grupo significativo de pessoas vem se afastando gradualmente da leitura. A sedução da imagem, através da televisão e do caráter lúdico das tecnologias de informação digital, tem se tornado um concorrente feroz da leitura do livro tradicional, com seu encanto e magia. Para enfrentá-lo, estão sendo criadas e implementadas diferentes atividades de incentivo ao gosto pela leitura também lúdicas e sedutoras, que se preocupam em fazer com que as crianças e os adolescentes percebam o encantamento e o prazer da leitura e assim se tornem futuros adultos leitores.

Nessas ações são criadas múltiplas e diversificadas atividades que mostram à criança as possibilidades que a leitura lhes trará por toda a vida. Apresentar o livro e a leitura como formas de lazer e de informação permite que as crianças se tornem cidadãos capazes de enfrentar em melhores condições a complexidade que caracteriza a existência no mundo contemporâneo.

Essa preocupação, presente entre os pesquisadores de todo o mundo, em escala mundial, vem sendo objeto de investigações e de ações de profissionais de diversas áreas de conhecimento. Ao mesmo tempo, se trata de uma questão que preocupa uma parcela significativa de pais, ao perceberem que a ludicidade das novas tecnologias e dos jogos eletrônicos pode tornar-se um adversário feroz da leitura como recreação, lazer e, em especial, prazer. Há um consenso de que, quanto mais cedo as crianças forem instigadas ao desafio de buscar conhecer novos universos através dos livros, mais facilmente poderão enfrentar os desafios que terão que enfrentar no percurso de suas vidas.

Tornar-se um leitor, desse modo, significa criar referências de vida, tanto na perspectiva do conhecimento, como também da cultura, do lazer, da recreação e da própria sobrevivência. Finalmente, caiu por terra a tradicional concepção que vigorou durante muito tempo de que a leitura era um hábito a ser adquirido, portanto possível de ser ensinado. Mais do que isso, há hoje um consenso de que ela é decorrência de motivações internas, algo que nasce e se solidifica dentro do próprio indivíduo. O que se pode fazer, portanto, é criar situações favoráveis para que isso ocorra, fazendo com que se amplie cada vez mais o caráter de fruição da leitura, e que se desvaneça até desaparecer o caráter punitivo e autoritário que era tradicionalmente atribuído a ela na escola e até mesmo na família.

Entre as inúmeras experiências realizadas nesse sentido, uma delas chamou-me a atenção dentro da própria Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde realizo o curso de Biblioteconomia. Trata-se do Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil (CERLIJ), núcleo de extensão universitária pertencente ao Departamento de Ciências da Informação.

O CERLIJ foi criado em 1984 pela professora Yvette Duro, com a finalidade de vir a se constituir num espaço de fomento à promoção da leitura, com o objetivo específico de implementar projetos de pesquisa e de extensão voltados à expansão do interesse pela leitura informativa e recreativa nas escolas públicas de Porto Alegre e Região Metropolitana, em especial entre aquelas que não possuem bibliotecas com a qualidade desejada para uma biblioteca escolar.

Dentre tais propostas, detive-me na análise do *Projeto Arte de Ler*, em torno do qual construí o objeto deste trabalho, a ser apresentado nos próximos capítulos. Criado em março de 1996 por iniciativa da servidora graduada em Letras Milene Linden da Rocha e sob sua coordenação até o ano de 2005, oferece dois serviços, o de Caixa-Estante, e a *contação*¹ de histórias. O primeiro permite o empréstimo do acervo disponível no CERLIJ na área de literatura infantil e juvenil às escolas que se interessam nesse material. Consiste em uma caixa que é entregue à escola solicitante com aproximadamente 30 volumes, previamente selecionados, para permanecer por um tempo determinado, atendendo às carências literárias, lingüísticas e lúdicas de seu usuário. Através desse serviço as escolas atendidas podem contar com um riquíssimo acervo composto de obras de literatura infantil e juvenil de autores consagrados nacional e internacionalmente, contos de fada, poesias, lançamentos e obras premiadas. Os professores podem dispor desse material alternativo para uso em sala de aula, ampliando as fontes de consultas do aluno, trabalhando com a leitura e a escrita em todas as áreas do conhecimento, visto que eles podem solicitar a relação das obras para empréstimo segundo o assunto, tipo de material, faixa etária, etc.

¹ Embora a palavra *contação* se constitua num neologismo, inexistente no dicionário, é o termo mais usual que vem sendo utilizado como expressão coloquial para a ação de contar histórias.

A *contação* de histórias é implementada na Hora da Leitura, em que alunos de diferentes cursos da universidade, se transformam em contadores de histórias e se utilizam para isso das mais diferentes técnicas de *contação*. Desse modo, o projeto busca cultivar o gosto pela leitura tanto no professor como no aluno de diferentes escolas e faixas etárias. Trata-se de uma estratégia que se propõe a mostrar para os professores que eles podem fazer o mesmo do que é oferecido, inserindo no cotidiano de sala de aula a leitura de outras obras. Essa ação também busca provocá-los a ler e discutir as obras de modo interativo com seus alunos. Isso porque se sabe que não só alunos não gostam de ler, mas também há professores nessa mesma situação. Logo, através da Hora da Leitura se objetiva promover, estimular, despertar o interesse e mediar o fenômeno da leitura, unindo obras, autores e escolas.

Os resultados positivos desse tipo de experiência devem sair do isolamento, para que as suas estratégias e metodologias de sucesso sejam difundidas para serem compartilhadas com outros professores e dessa maneira servir de exemplo e estímulo à criação, ao surgimento de experiências similares. E, principalmente, que não se restrinjam a ações isoladas e ocasionais, mas que se convertam em projetos permanentes e contínuos, para garantir efetivamente os resultados a que se propõem.

Nessa linha, este trabalho foi realizado com o objetivo de avaliar os resultados das atividades de promoção e fomento à leitura recreativa promovidas pelo *Projeto Arte de Ler*, a fim de servir como referência para outras escolas. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em torno da questão da leitura e fez-se uma pesquisa de cunho qualitativo nas sete escolas públicas de Porto Alegre, RS, que foram contempladas com o projeto no decorrer do ano de 2004, a saber:

- a) Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Leopoldo Tietböhl;
- b) Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima;
- c) Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa;
- d) Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura;
- e) Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton;
- f) Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo;
- g) Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Oriente do RS.

Como se verá nos capítulos que seguem, o foco deste trabalho deteve-se no estudo da relação que os alunos das escolas participantes do *Projeto Arte de Ler*, no ano de 2004, têm com a leitura e a inserção desse projeto nas suas efetivas práticas de atuação no universo escolar, como instrumento de incentivo à leitura.

Assim, pergunta-se: qual é a eficácia das atividades de leitura recreativa oferecidas pelo *Projeto Arte de Ler* para facilitar o acesso dos alunos à literatura infantil e juvenil? Essas ações realmente contribuíram para que os bibliotecários e os professores das escolas contempladas refletissem sobre a possibilidade de criar uma dinâmica permanente e contínua de incentivo ao gosto pela leitura entre seus alunos?

Portanto, este estudo foi realizado a fim de avaliar até que ponto as estratégias de promoção e fomento à leitura recreativa realizadas pelo *Projeto Arte de Ler* contribuíram para criar um ambiente favorável à leitura entre os professores, bibliotecários e alunos das escolas atendidas. Em decorrência, a indagação inicial que orientou este trabalho pode ser assim sintetizada: qual é a contribuição do *Projeto Arte de Ler* para a constituição de novos leitores através da oferta de acervo de literatura infantil e juvenil e da *contação* de histórias?

Nessa perspectiva, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- a) analisar a contribuição que *Projeto Arte de Ler* oferece como estratégia para ampliar o processo de constituição de novos leitores entre os alunos das escolas públicas em Porto Alegre, RS;
- b) avaliar, na perspectiva dos professores e alunos envolvidos, a importância do *Projeto Arte de Ler* para a constituição de novos leitores entre os alunos atendidos pelo serviço de caixas-estante e pela seção de *contação* de histórias;
- c) subsidiar as ações futuras do Departamento de Ciências da Informação voltadas à promoção da leitura e aos interesses culturais dos alunos e professores que conseguir envolver.

No que se refere à metodologia, optou-se pela realização de uma pesquisa de cunho qualitativo, baseada na análise dos significados atribuídos pelos sujeitos que participaram do Projeto durante o ano de 2004, obtidos através de depoimentos dos professores e alunos das escolas participantes (Apêndices A e B). Foi realizada a análise dos desenhos produzidos pelas crianças a partir da *contação* de histórias com o objetivo de demonstrar o envolvimento dos alunos com essa atividade do Projeto, para isso foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a partir da perspectiva de Moraes (1999), que será detalhada mais adiante, ao se apresentar os resultados da pesquisa. No total, foram ouvidos 8 professores e 6 alunos, bem como analisados os desenhos de 9 alunos.

Portanto, nos capítulos seguintes serão apresentados os resultados a que se chegou nessa análise. No primeiro deles, encontra-se uma incursão teórica feita

em torno do mundo da leitura. Em seqüência, são analisados os depoimentos dos professores e alunos envolvidos no *Projeto Arte de Ler*, e os desenhos dos alunos. No capítulo final, são apresentadas as conclusões do estudo, baseadas na análise dos depoimentos e de sua conexão com as reflexões teóricas que subsidiaram o trabalho.

Desse modo, acredito ter contribuído para uma avaliação do *Projeto Arte de Ler* que poderá ser útil para a tomada de decisões sobre a sua permanência. Trata-se, sem dúvida, de uma oportunidade que tive, enquanto concluinte do curso de Biblioteconomia, para entender um pouco mais sobre o fenômeno da leitura. E, por último, serviu para me mostrar como, através de uma ação de extensão universitária, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul obteve um espaço de criação de novas possibilidades para leitores.

Hoje, momento em que o CERLIJ está sendo integrado pelo Departamento de Ciências da Informação ao recém criado Núcleo de Informação e Leitura (NIL), acredito ter contribuído, embora timidamente, para avaliar o que está sendo realizado, solucionar as falhas do processo e aproveitar aquilo que obteve sucesso. Desse modo, encerro o meu curso de Biblioteconomia com a agradável sensação de ter refletido sobre algo que considero muito importante para o bibliotecário, que é o seu papel como um agente cultural.

2 SOBRE LEITURA, LEITORES, PROFESSORES & ALUNOS

Considerando os diversos aspectos envolvidos no processo de fruição do prazer pela leitura, buscou-se literatura sobre a importância do ato de ler e de suas implicações na vida cotidiana. Em decorrência, neste capítulo também serão comentadas algumas das estratégias que são apontadas pelos especialistas com o objetivo de mostrar o caráter lúdico e prazeroso da leitura entre os alunos do ensino fundamental.

2.1 A leitura como uma possibilidade de criação de uma postura crítica diante do mundo

A escrita foi um dos primeiros mecanismos de fixação cultural utilizados pela humanidade, seu surgimento deve-se, com toda probabilidade, pela necessidade do registro de informações de origens comerciais. Tais informações escritas em peças de argila necessitavam ser decodificadas, então aparece simultaneamente a forma de recuperação dessas informações: a leitura.

Segundo Manguel (1997, p. 208) a “[. . .] leitura é a apoteose da escrita”, pois desde os primórdios, o objetivo da incisão de uma figura sobre uma tabuleta de argila era que o texto fosse resgatado, isto é, lido, comprovando a imprescindibilidade/importância da leitura, sem a qual as marcas num pedaço de argila não teriam nenhum sentido.

Assim, a arte de ler e de escrever foi considerada habilidade poderosa. Emergiu o escriba, profissional que tinha por atribuição copiar manuscritos, e embora para sua atividade fosse essencial a habilidade da leitura, o ato de ler não

era reconhecido. A profissão se restringia apenas à capacidade de registrar, não podendo insinuar nenhum sentido à informação a qual reconstituía. Porém, os escribas deviam ter consciência do poder privilegiado conferido pelo fato de serem leitores de texto e guardavam essa vantagem, muitos com arrogância terminavam seus textos com o seguinte colofão: “Que o sábio instrua o sábio, pois o ignorante não pode ver”². Os escribas constituíam uma elite aristocrática e por milhares de anos a leitura foi exclusiva de pequenas elites.

Atualmente o acesso democrático à leitura é uma conquista valiosa que povos de todos os países devem defender como um direito do cidadão. Através do ato de ler e escrever se tem garantia de autonomia e cidadania. Para Silva (1988) o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura.

Desse modo, a leitura vem a ser um instrumento para conhecimento e transformação da memória cultural que a sociedade produziu nas suas diferentes etapas evolutivas. E, por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, Silva (1988, p. 22) diz “[. . .] a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade).”

Portanto, a leitura é um instrumento de treino mental e fortalecimento da imaginação e todo ser humano pode ser ajudado pelos livros a se desenvolver à sua maneira, aumentando a capacidade crítica e aprendendo a fazer escolha entre a massa da produção geral dos meios de comunicação. Assim, mesmo diante da

² Catálogo da Exposição Naissance de l'écriture, Biblioteca Nacional, Paris, 1982. apud MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

atrativa concorrência o livro revela ter vantagens únicas: permite ao leitor lê-lo onde e quando quiser, no ritmo que mais lhe satisfaça, podendo fazer interrupções, parar para refletir, voltar a lê-lo quando bem entender, enfim, o livro fica a disposição de seu leitor, oferecendo essa flexibilidade que garante o prazer pela leitura.

Cria-se uma liberdade através do ato de ler, pois, quem domina a leitura tem vontade consciente de liberdade e adquire elementos de combate a alienação e a ignorância. Ler é transformar, possibilidade de expansão individual, social, cultural.

Desta forma, a leitura pela sua importância, já que oferece ao homem a oportunidade de transformar o quadro social e transformar a si mesmo, tornou-se objeto de investigações científicas.

A pesquisa sobre leitura, um dos ramos mais jovens da ciência, projetou nova luz sobre o seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade mas também às do indivíduo, uma vez que “[. . .] o ‘direito de ler’ significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.” (BAMBERGER, 1986, p. 9).

Constata-se dessa forma, a função social da leitura como um fenômeno imprescindível na constituição do ser humano como cidadão consciente e transformador da realidade que o cerca. A possibilidade de transformação é fundamentada no conhecimento obtido através da leitura crítica, a qual capacita o leitor lançar novos olhares sobre a realidade.

2.2 Leitura: entre o prazer e o desprazer

As pesquisas sobre a leitura investigam, entre outros temas, as disparidades no comportamento dos leitores nas diversas localidades do mundo. Até nos países mais adiantados, grandes parcelas da população abandonam a leitura assim que saem da escola.

No contexto brasileiro, o problema da falta de leitura faz parte de um conjunto de restrições que impedem a fruição da mesma, do livro por milhões de leitores, colocando a leitura numa situação de crise, conseqüência de crises maiores presentes na nossa sociedade. Conforme Silva (1988, p. 16), “[. . .] numa sociedade onde estão presentes as injustiças, a desigualdade, a miséria, a fome e falta de liberdade e democracia, torna-se muito fácil encontrar pessoas que não têm acesso à informação, aos diversos referenciais inscritos em diferentes tipos de livros.” Isso acontece, entre outros graves motivos, devido ao confinamento e à centralização dos acervos.

A grande maioria do povo brasileiro nunca teve acesso ao livro. O analfabetismo está longe de ser erradicado, uma vez que existem ainda os pseudo-alfabetizados que mal sabem assinar o próprio nome. Constata-se que a problemática da leitura está na área educacional, revelando que os estudantes estão lendo cada vez menos e que os seus interesses não estão sendo atendidos no âmbito da escola.

O ensino da leitura proposto pelas escolas provoca aversão pela mesma. Conforme Gusmão-Garcia e Silva (2003) o que se pratica normalmente nas escolas é o “desprazer” da leitura, ou seja, uma leitura escolarizada que tem servido aos propósitos de memorização de normas gramaticais, de preenchimento de fichas de

compreensão de texto, de aumento de vocabulário, etc., consistindo num jogo de simulações em que os professores fingem que ensinam leitura e os alunos fingem que lêem:

O professor adota um livro segundo sua escolha, o aluno é obrigado a “providenciar” a leitura, comprando, tomando emprestado ou xerocando o material. Aquele enfeite fica dentro da mochila ou encostado, como um traste, num canto da casa até um ou dois dias antes da cobrança “oficial” da leitura. O mestre, então, pede aos alunos uma síntese do texto “com suas palavras” ou dá-lhes uma folha com algumas questões sob a alegação de interpretarem a obra. Detalhe: “para nota” [. . .] Conseqüência: o professor fica com a falsa idéia de que ensinou e os alunos convictos de que sabem alguma coisa ou de que tapeiam bem (sabe-se lá quem), ou de que cumpriram uma tarefa penosa. (GUSMÃO-GARCIA; SILVA, 2003, p. 374).

Dessa maneira, os professores demonstram despreparo, comodismo, carência de leitura. Orthof (1990, p. 19) confirma “[. . .] é difícil dizer, mas é verdade: a maioria dos professores não lê [. . .] daí acontece o círculo vicioso: professor que não lê ensina aluno a ler com desprazer, destruindo no jovem, o desejo da aventura, da viagem literária, das caravelas da fantasia.”

Sabe-se que um fator decisivo no processo do desenvolvimento do gosto de ler é o prazer proporcionado pelo contato com livros, que se ocorrer numa situação criativa, atrativa, vencendo qualquer resistência, poderá gerar um gosto pela leitura que poderá perdurar a vida toda. Mas a tradição de impor a leitura é uma prática que persiste. A esse respeito, Dalla Zen (1997, p. 28) relata:

O período destinado, na sala de aula, ao trabalho com leitura, pelo que podemos verificar, não tem permitido encontros de reconstituição de histórias envolvendo autores, leitores e o que pensam sobre o mundo. As experiências têm se restringido a atividades de mera compreensão literal, descontextualizadas [. . .] O conhecimento prévio do aluno não é chamado para entrar em ação.

Portanto, é constatado que os professores continuam utilizando práticas ultrapassadas para a introdução da leitura na sala de aula. Então, em vista da responsabilidade dada à escola do “ensinar a ler”, é necessário que esta reveja seus objetivos e práticas pedagógicas, pois:

Todo aluno deve saber que a leitura pode ser útil para muitas coisas, que não se restringe a um exercício ou uma tarefa escolar distante de sua realidade e que tampouco se esgota enquanto fonte de sabedoria e poder de sedução nas mesmas carteiras em que se esforça por aprender a escrever, a fazer contas, a se informar e até, na melhor das hipóteses, a construir os rudimentos possíveis do saber científico. (GUSMÃO-GARCIA; SILVA, 2003, p. 373).

A compreensão de um texto não se resume ao entendimento do significado de palavras. O leitor aciona os significados do texto, relacionando-os à sua compreensão de mundo. O leitor é que dá vida ao texto. E a leitura deve provocar o leitor e induzi-lo a se conhecer melhor e o mundo que o cerca. Nessa perspectiva, a compreensão do sentido do texto vai além de decifrar códigos lingüísticos, o significado do novo é concedido ao texto, assim:

[. . .] uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1990, p. 11).

Logo, ler o mundo é tão importante quanto ler a palavra. Na verdade um não está dissociado do outro, pois a leitura, sobretudo aquela que ultrapassa a simples decodificação de signos, reflete uma experiência individual ligada a vivência,

ao conhecimento de cada um. Percebe-se que é necessário e imprescindível o estabelecimento de conexões entre o texto e seu leitor. Se isso não ocorrer, ele não conseguirá entender o significado daquilo que ler:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. (MARTINS, 1997, p. 33).

Nesse caso, leva-se em conta a trajetória de mundo, as convivências e o relacionamento do indivíduo com o meio onde vive. A leitura possibilita que sejam identificados múltiplos significados e diversas maneiras de ver e de se pensar a vida, o outro, o eu. Revela-se assim um leitor efetivo. Alguém que sente prazer ao ler, e não um mero alfabetizado.

Segundo Perrotti (1990) o autoritarismo explícito das práticas escolares estaria na base de representações que levam ao desinteresse de crianças e jovens pela leitura. Por sua vez, os modelos pedagógicos baseados na obediência do aluno a regras definidas pelo professor seriam, segundo ele, os responsáveis pelo afastamento de crianças da leitura. Desse modo, Gusmão-Garcia e Silva (2003) afirmam que é previsível que com pressão ou imposição, ninguém aprende a gostar de ler. É o prazer de investigar, de julgar, de selecionar que faz da leitura uma coisa gostosa de ser vivida, sentida.

Apesar de muitas dificuldades relacionadas à prática da leitura no meio educacional, há muitos professores cientes da necessidade de desvincular a leitura do recurso didático para desenvolver nos alunos não só a habilidade da compreensão da leitura como também o prazer de ler. No entanto, na maioria das

vezes, a boa intenção do educador não é suficiente, são necessários apoio e orientação pertinentes para transformar o ato de ler prazeroso.

Um agravante a esse afastamento do sujeito da leitura é o intenso fluxo de informações dos meios de comunicação de massa, que se revelam mais eficazes do que aquilo que se dá na escola. Em conseqüência, a influência da mídia na idade escolar é bem maior do que da escola. Isso se dá devido ao fato de que os meios de comunicação, incluídos aí a Internet, os videogames e a televisão, estão cada vez mais presentes na vida das crianças que têm acesso a eles. Mas deve-se ter um certo cuidado em condená-los como se fossem os vilões que afastam a criança da leitura, uma vez que eles não constituem barreira para a formação de leitores. Apenas prazer, passatempo. De acordo com Lajolo (2001)³ “[. . .] a literatura sempre concorreu com outras formas de lazer”. Ela lembra que no fim do século XIX, por exemplo, alguns achavam que corridas de cavalo e banhos de mar afastavam os leitores dos livros. Mas a literatura vem sobrevivendo galhardamente a tudo isso, apesar do coro dos aflitos.

Observa-se também que os livros nem sempre ocupam um lugar de destaque nas casas. Grande parte delas não tem um lugar destinado à prática da leitura, por menor que seja. A leitura é feita então em qualquer lugar, incluída aí a cama, uma cadeira nem sempre confortável, ou diante da televisão. Para muitas crianças, o livro e a leitura continuam sendo sinônimos de enfadonho e marasmo, quando confrontados com a ditadura da imagem, da realidade virtual.

Desse modo, para a constituição de mais leitores, é imprescindível que sejam pensadas estratégias que possam equiparar-se ao prazer imediato proporcionado pelos meios de comunicação de massa. É muito importante que se

³ Documento eletrônico.

criem condições para manter viva a leitura como um prazer, como algo a ser feito por gosto e não por obrigação.

2.3 O prazer de ler, origem, caminhos & estratégias

O incentivo ao ato de ler como um ato de prazer não se constitui numa tarefa fácil. A aquisição do gosto pela leitura não é resultado de um processo natural. É necessário que haja um estímulo, uma interferência. Nessa perspectiva, assume um papel fundamental a família e a escola.

O primeiro contato com livros normalmente fica por conta da família. Filhos de pais leitores têm a tendência de também se tornarem leitores:

[. . .] se os pais praticam a leitura, a criança possivelmente crescerá valorizando naturalmente aquele objeto que consegue prender a atenção por tanto tempo e que estimula a imaginação, desenvolve a sensibilidade e a inteligência, oferece prazer. (GUSMÃO-GARCIA; SILVA, 2003, p. 376).

O convívio com os livros e com as palavras é fundamental para o desenvolvimento infantil. Não importa se a criança não possa entendê-las, mas que a sua interação com o mundo da leitura se dê desde cedo: “[. . .] Devo o meu hábito de leitura à minha mãe, que contava histórias de Grimm e Andersen, em alemão [. . .] recordo dos dois livros, grossos, sempre à minha cabeceira, quando eu nem sabia ler.” (ORTHOF, 1990, p. 20). A leitura feita pelos pais permite não apenas a troca de conhecimento, mas também de afeto e de carinho.

Rubens Alves assim descreve o processo da leitura afetuosa:

Vejo, assim, a cena original: a mãe ou o pai, livro aberto, lendo para o filho... Essa experiência é o aperitivo que ficará para sempre guardado na memória afetiva da criança. Na ausência da mãe ou do pai a criança olhará para o livro com desejo e inveja. Desejo, porque ela quer experimentar as delícias que estão contidas nas palavras. E inveja, porque ela gostaria de ter o saber do pai e da mãe: eles são aqueles que têm a chave que abre as portas daquele mundo maravilhoso! (ALVES, 2001)⁴.

Mas a realidade é que nem sempre as famílias são leitoras. Portanto, nem sempre elas transmitem o prazer de ler aos seus filhos. Então, muitas crianças somente serão iniciadas ao processo de leitura na escola, quando isso poderá se tornar um prazer ou um sofrimento, dependendo da maneira como for explorado.

Para gostar de livros é preciso conhecê-los. Segundo Jesus (2004, p. 35) “[. . .] o contato sensorial com o livro é muito importante.” Para a familiarização com os livros é necessária a possibilidade de tê-los nas mãos, manuseá-los, descobri-los de forma lúdica, descompromissada. Dessa forma é oferecida a oportunidade de despertar na criança a curiosidade de ingressar no mundo letrado, no processo da leitura e da escrita. Isso é confirmado por Costa (2001, p. 78) “[. . .] A criança que se vê diante de um material que é sensível às suas necessidades e interesses, e a ajuda a descobrir algo novo de si própria, terá muito mais motivação e envolvimento para a aprendizagem.” Portanto, o contato com os livros permite a introdução no mundo da leitura.

Entre as diferentes maneiras de conduzir a criança para o mundo da leitura, a *contação* de histórias é sem dúvida uma das mais populares e eficazes. De acordo com Abramovich (1989, p. 24), “[. . .] o livro da criança que ainda não lê é a história contada.” Esse método, pelo qual as crianças são apresentadas a histórias e livros de maneira lúdica, exerce grande influência sobre as mesmas. Isso é enfatizado por Coelho (1986), ao afirmar que se elas as escutarem desde

⁴ Documento eletrônico.

pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Para que uma história prenda a atenção da criança, a sua trama deve ao mesmo tempo entretê-la e despertar a sua curiosidade. Daí a responsabilidade de quem conduz a história. Um contador de histórias experiente sabe provocar emoções em seus ouvintes, ao fazer com que a criança se encante com a melodia das frases, com o som mágico das palavras. Coelho (1986, p. 11) diz “[. . .] a força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva.” E ainda enfatiza que “[. . .] a história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.”

Desse modo, o método de contar histórias constitui um fator decisivo no processo do desenvolvimento do prazer de ler. Ele instiga a imaginação, desperta a curiosidade e o senso crítico. Mas é essencial saber escolher o que contar, a partir de um plano prévio de exploração do texto para que o narrador desempenhe com segurança e naturalidade a *contação* da história. Técnicas como suspense, pausa, variações de voz do contador, etc., são recursos que requerem aptidão, vocação, prazer em narrar.

Embora apresente deficiências facilmente identificáveis, o sistema educacional brasileiro tem se preocupado em ampliar o gosto pela leitura a partir da escola. Há que se reconhecer a importância dos caminhos e estratégias de fomento à leitura que vêm sendo realizadas por diferentes instituições e organismos educacionais, embora necessitem de uma maior articulação. Dessa maneira, ações como as executadas pelo CERLIJ constituem exemplos de caminhos a serem seguidos, eficazes ao proporem atividades voltadas para a multiplicação das

ocasiões de leitura. É desse tipo de ações que depende a obtenção da meta de criar um Brasil leitor. Através da disseminação dessas propostas em todo o território nacional, poderemos chegar mais perto do ideal de fazer com que as crianças e os adolescentes se tornem leitores, críticos e conscientes dos seus direitos e deveres de cidadania.

3 A ARTE DE LER VAI À ESCOLA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES E O QUE DIZEM OS ALUNOS

Os depoimentos de professores e alunos das escolas atendidas pelo *Arte de Ler*, expostos nas subseções seguintes, confirmam a importância do Projeto. Todos os sujeitos da pesquisa afirmaram que os serviços prestados pelo CERLIJ foram de grande relevância no que diz respeito ao auxílio na importante tarefa de resgate e incentivo ao gosto de ler.

Para a análise de desenhos e de mensagens produzidos por alunos contemplados com o Projeto foi aplicada a técnica de análise de conteúdo segundo a metodologia de Moraes (1999) que se constitui em descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. A metodologia abrange cinco etapas: preparação das informações; transformação do conteúdo em unidades a serem interpretadas; estabelecimento de categorias de análise; descrição dos dados conforme as categorias e interpretação dos dados.

A preparação das informações consistiu em verificar os documentos disponíveis e identificar as diferentes amostras de informações a serem analisadas de acordo com os objetivos da pesquisa. Após se estabeleceu códigos para os documentos a fim de facilitar a identificação de cada elemento da amostra.

Posteriormente foi feita a transformação do conteúdo em unidade de análise, também chamada unidade de registro ou unidade de significado. Foi definida a natureza da unidade de análise que pode ser tanto palavras, frases, temas ou mesmo documentos em sua forma integral.

A categorização consistiu no procedimento de agrupar dados, considerando a parte comum entre eles. Classificou-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo.

A descrição dos dados foi feita a partir da definição das categorias. Constituiu o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas. Em se tratando de pesquisa de abordagem qualitativa para cada uma das categorias foi produzido um texto-síntese em que se expressou o conjunto de significados presentes nas diversas unidades incluídas em cada uma delas.

A interpretação dos dados foi o momento em que se ultrapassou a descrição, pois se procurou a compreensão dos significados expressos nas categorias. Buscou-se compreender com maior profundidade o sentido daquilo que os resultados obtidos sugerem.

Entretanto, a interpretação dos depoimentos foi feita em conexão com a revisão de literatura sobre o tema central desse trabalho, ou seja a leitura, bem como a análise dos desenhos e textos produzidos pelos alunos feita através da aplicação de categorias estabelecidas conforme a metodologia de Moraes, como será verificado a seguir.

3.1 A leitura como um fenômeno importante para a vida

Percebeu-se nos depoimentos dos professores que todas as escolas estão preocupadas em desenvolver atividades de incentivo à leitura. Ações voltadas à leitura são muito valorizadas. Isso se vê tanto nas atividades desenvolvidas pela própria escola, como naquelas que são feitas através de parcerias, como é o caso

do *Projeto Arte de Ler*. Os depoimentos evidenciam que há um consenso entre os professores de que quanto mais cedo se despertar as crianças para o gosto de ler, maiores serão as possibilidades de que elas venham a se tornar leitores efetivos.

Embora se saiba das restrições das escolas, os professores fazem o que podem para fomentar o prazer de ler. Exemplo disso são eventos de toda a ordem, desde feiras, trocas de livros e outras ações, como relata uma professora:

“Aqui na Escola a gente tem um trabalho de leitura bem interessante. Todo mundo, a grande maioria, é bem envolvido com essa questão. A gente faz diversas atividades que envolvem a leitura durante todo o ano. Como as paradas para a leitura⁵, seminários, troca-troca de livros, propaganda de livros e feiras de livros. Então, através dessas atividades o professor e o aluno se juntam. A gente tem o projeto ‘Adote um escritor’, que inclui um escritor que é convidado para vir aqui na escola. Então a escola toda lê esse escritor, toda obra dele.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

E o entusiasmo continua na descrição das atividades realizadas na escola:

*“[. . .] temos a nossa feira do livro, quando a gente sempre traz no mínimo três escritores. Os alunos fazem todo um trabalho preparativo de leitura para esses encontros. Eu vejo a escola completamente envolvida com a leitura. Tudo o que eu lanço aqui para o pessoal, todo mundo se envolve. A grande maioria se envolve, os professores, as turmas. O movimento da biblioteca é grande. Todas as turmas têm durante a semana o dia do empréstimo. Assim, eu vejo todo mundo muito ligado à leitura, lendo bastante. A gente percebe que as crianças demonstram uma **ligação especial com a leitura** e com os livros.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005, grifo nosso).*

⁵ Paradas para a leitura são momentos que, a partir do soar de uma campainha, as crianças param tudo o que estiverem fazendo para se dedicarem à leitura, durante cerca de uma hora.

Muda a escola, mas não o entusiasmo da professora com a leitura, o que é confirmado pelo próximo depoimento, que reafirma o envolvimento da escola no processo de promoção do ato de ler:

“A leitura é bem incentivada aqui na escola. Temos a feira do livro, que este ano já foi para a IV Feira do Livro. Os alunos já participam de uma caminhada para a leitura na escola, pois desde 2000 a Biblioteca vem fazendo um trabalho bem intensivo nessa questão de incentivo a leitura, do gosto pela leitura, de descobrir as leituras que as crianças gostam [. . .] porque de repente foi proporcionado com que a criança lesse um tipo de texto que ela não gosta. Daí então fica a impressão de que ela não gosta de ler.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

Infere-se que apenas o acesso ao material de leitura não é o suficiente para aguçar o gosto pelo ato de ler, faz-se necessário uma apresentação. Antes de optar por uma ou outra leitura, a criança precisa conhecer o que há à sua disposição. É preciso provocar curiosidade, pois de acordo com Freire (1997, p. 98) “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser [. . .]”. Cabe, principalmente ao professor incitar a curiosidade e mediar esse encontro com a leitura, de forma democrática e descompromissada, respeitando a escolha do aluno. A respeito disso a professora completa:

“[. . .] mas descobre-se mais tarde que ela gosta de ler gibi, que gosta de ler uma outra coisa. A gente sempre coloca isso para eles: vamos ver o que a gente gosta de ler. Acreditamos nós que não existe não gostar de ler. Alguma coisa a gente sempre gosta, sempre tem interesse, tem curiosidade.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

A relação de mediação do professor e do bibliotecário entre leitor-livro-leitura é um aspecto enfatizado como fundamental. E também que eles estejam envolvidos e tenham conhecimento dos gostos e anseios dos leitores em potencial, os alunos que tão bem conhecem:

*“O meu relacionamento com eles e a leitura é de mediação. Eu faço toda a intermediação entre o leitor aqui na Escola e os livros: eu apresento, eu conto as histórias, eu pesquiso, vejo livros, como sou eu que compro, eu sei os interesses das crianças pelos os livros [...] como eu tenho contato diariamente com os usuários eu sei quais as necessidades deles de leitura. Então, eu me sinto bem **mediadora do livro e do leitor**. Faço de tudo para que o livro fique na mão do leitor.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005, grifo nosso).*

As professoras ressaltam o papel dinâmico da biblioteca na função de interação, não somente com a comunidade escolar, mas com a comunidade em geral:

“Eu acho que a nossa Biblioteca está conseguindo exercer a função que a gente destina para uma biblioteca, dos alunos se apropriarem dela. Eles lêem as revistas, os jornais. Acho que eles têm uma melhor aproximação do que em tempos anteriores [...] o fato de a biblioteca estar sempre aberta também aproxima, é freqüentada pela comunidade que é bem presente, as mães, gente de outras escolas.” (Henara Ferreira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, depoimento prestado em 23/09/2005).

Desse modo a biblioteca escolar não constitui uma entidade independente, mas um complemento da escola. De acordo com Neves (2003, p. 223) “A biblioteca escolar, como serviço de informação, insere-se no âmbito dos recursos pedagógicos, ou melhor, constitui-se como o laboratório, por excelência, da

práxis educativa [. . .].” E ainda diz que “[. . .] a biblioteca escolar tem por finalidade estar a serviço da educação formal e informal, através da difusão do conhecimento e da promoção da leitura.” (NEVES, 2003, p. 223).

O relacionamento mútuo entre os alunos e a biblioteca também é observado:

*“[. . .] eu sempre vi um relacionamento muito bom, pois a nossa biblioteca consegue atingir todos os alunos. Então sempre teve um relacionamento muito bom, eles se associando, eles procurando livrinhos. Sempre tiveram atividades, porque a biblioteca sempre teve uma vida independente dentro da escola, no sentido de trazer muitas coisas para os alunos. O que eu vejo é a biblioteca muito bem relacionada com os alunos: os **alunos procurando** e a **biblioteca oferecendo**.” (Vera Urrigo, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Oriente do RS, depoimento prestado em 30/09/2005, grifo nosso).*

Todas escolas visitadas realizam algum tipo de atividade de incentivo à leitura. Naquelas que pertencem à rede municipal de Porto Alegre, se realiza o *Programa Adote um Escritor*, numa parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e a Câmara Rio-Grandense do Livro. Através dele, a escola recebe a visita de um escritor, mas, antes dela ocorrer, os alunos preparam-se previamente fazendo a leitura das obras do escritor escolhido, estudam a sua biografia e produzem material a respeito do autor e de sua obra. Desse modo, ocorre uma interação escritor-leitor, aproximando um ao outro e assim desmistificando a distância entre a obra, o autor e o leitor.

Percebe-se que há um certo consenso entre os educadores no que diz respeito ao afastamento de um número considerável de alunos em relação à leitura, durante um ou outro período da vida escolar:

“[...] o relacionamento em geral é muito bom. Mas a gente nota que no 1º ciclo⁶ o relacionamento é maravilhoso. Até a metade do 2º ciclo também. Aí então é que começa a ter um decréscimo e, ao chegar ao 3º ciclo, a gente custa para conquistar alguns alunos para a leitura. O que se consegue então é muito pouco. Têm aqueles que são leitores assíduos, mas não é como no 1º ciclo e no 2º ciclo. Têm os que gostam muito e têm aqueles que nunca aparecem. A gente perde um pouco o leitor no 3º ciclo. Têm um mínimo de alunos que, desde o 1º ciclo, estão sempre tirando livros na biblioteca. Hoje a Aline tira até Os Lusíadas para ler. Mas, são muito poucos. A maioria se perde quando vai para o ‘C’ [...]”. (Iara Fleck, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

A professora relata a perda de interesse pela leitura quando essa se torna um dever. Também fala da necessidade de resgatar o gosto de ler:

“[...] eles vão à Biblioteca só quando o professor faz algum trabalho. Eles perdem o interesse. No 1º e 2º ciclo eles vêm bastante à biblioteca, são bem presentes. Mas depois já começam a perder o interesse. Vir à biblioteca é uma obrigação. Pegar um livro, fazer uma leitura, já não gostam mais, teria que resgatar esse trabalho, o gosto de ler. Vai muito pela ação do professor também, que se divide em disciplinas, tem muito professor entrando e saindo, fica mais complicado.” (Iara Fleck, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

Esse declínio do interesse pela leitura talvez seja originado pela obrigatoriedade da leitura de determinados textos que já não são tão atrativos. Isso ocorre justamente na adolescência, coincidindo com um período que se sabe ser problemático. O aluno não se aceita mais como criança, mas também não é um adulto. Dúvidas existenciais de toda a ordem atormentam-no e fazem da leitura um

⁶ Nas Escolas Municipais de Porto Alegre, o Ensino Fundamental tem duração de nove anos, atendendo a alunos de 6 a 14 anos de idade. Os nove anos estão organizados em três Ciclos de três anos cada. O 1º Ciclo corresponde à infância (6 a 8 anos), o 2º Ciclo corresponde à pré-adolescência (9 a 11 anos) e, o 3º Ciclo, correspondente à adolescência (12 a 14 anos).

desprazer. Então, para que a leitura se constitua numa atividade contínua, crescente que se integre ao cotidiano e se estenda por toda a vida, é necessário que os mediadores, professores ou bibliotecários, selecionem leituras adequadas, que ajudem o adolescente nessa fase de ajustamentos e descobertas. Isso será fator determinante na constituição de um leitor efetivo:

Em se tratando de um leitor em formação torna-se imprescindível oferecer-lhe temas que atendam especialmente aos seus sentimentos, que nem sempre são explicitados aos mediadores da leitura. [...] Há que se conhecer que alimento saciará a fome de leitura de histórias que apontem a esses adolescentes o real sentido de suas vidas e que justifiquem o seu estar no mundo. (RÖSING, 2003)⁷.

Nessa faixa etária o ato de ler parece torna-se enfadonho. Para aqueles que desde a infância não tiveram despertado para a leitura como um prazer, durante a adolescência, ela pode se tornar uma verdadeiro tormento:

“[...] quando têm a obrigação de uma leitura eles chegam a medir o livro para ver qual é o menor. Não é qual é o melhor, mas qual é o menor livro.”
(Iara Fleck, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

Assim, parece que o nível de escolaridade e a idade dos alunos são fatores determinantes nos interesses de leitura. Enquanto nas séries iniciais, que compreendem a faixa etária dos 6 aos 11 anos de idade, os livros são atraentes e se mantêm entre a preferência dos alunos, nas séries seguintes, que compreendem a faixa etária dos 12 aos 14 anos de idade, cada vez mais o livro é substituído por outros atrativos, o que evidencia um crescente desinteresse dos alunos pelo livro e pelo texto escrito.

⁷ Documento eletrônico.

Essa mesma situação é confirmada por Fragoso (1992) quando diz que como bibliotecária envolvida no processo pedagógico, atuando diretamente junto ao educando, percebe que o prazer de ler, adquirido nas séries iniciais, vai deixando de existir à medida que o aluno caminha para etapas mais avançadas.

Então seria de suma importância maneiras de conquistar, resgatar nesses adolescentes o prazer de ler, transformá-los em leitores sensíveis, efetivos. A mediação é um caminho possível da aproximação literatura-leitor. Para Marchi (2003, p. 162) “[. . .] o melhor mediador – professor – é aquele que, gostando de ler, sabe explorar um texto propondo atividades de promoção da leitura através de estratégias que atendam os interesses dos jovens.”

Frente ao exposto, Dalla Zen (1997) declara que atualmente muitos professores estão conscientes da necessidade de estimular e desenvolver a compreensão da leitura de seus alunos. Entretanto, nem sempre eles têm subsídios suficientes para o planejamento de atividades que observem determinados princípios orientadores para tornar o ato de ler interessante.

Nesse sentido, o *Projeto Arte de Ler* mostra-se um subsídio importante no suporte e auxílio às atividades pedagógicas nas escolas interessadas em incentivar o gosto de ler nos seus alunos. Através do desejo de despertar o gosto de ler, promove a aproximação entre literatura, professores e alunos e revela que a biblioteca pode e deve ser agente de transformação dentro da comunidade escolar.

A seguir, serão comentados os depoimentos a respeito da contribuição do Projeto na constituição de leitores, quando se terá a oportunidade de perceber como ele se tornou um elemento fundamental na ação das escolas em que era oferecido.

3.2 Contribuição do Projeto para a formação de novos leitores

Os depoimentos dos professores contribuíram para legitimar a ação do *Arte de Ler* na sua intenção de constituição de leitores. Nos relatos fica explícita a valorização do Projeto no que se refere ao auxílio nas práticas escolares.

Indagada se o projeto contribuiu para a formação de leitores, a professora Isabel afirma:

“Com certeza! O Projeto Arte de Ler foi uma possibilidade bem interessante da gente poder ter alternativas de mostrar para as crianças, deles terem acesso a outros tipos de livros além dos da Escola.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

Um aspecto mencionado como importante no auxílio pedagógico foi a variedade de temas interessantes e pertinentes proporcionados pela seleção de livros da Caixa-Estante:

“[. . .] uma coisa que eu achava superinteressante eram as temáticas que a gente podia solicitar e vinha dentro do que a gente pedia. Porque a maioria dos professores trabalha 40 horas e essa coisa de ir até a biblioteca para pesquisar às vezes fica difícil. Quando tu não tens acervo na escola é pior ainda. Por exemplo, eu não estou vinculada a nenhuma Universidade, então, o acesso à biblioteca já fica difícil. Então, foi bem legal às vezes que a gente solicitou os serviços do CERLIJ.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

A valorização da Caixa-Estante se dá principalmente nas escolas que possuem restrições de orçamento para aquisição de obras literárias:

“O projeto foi muito válido, até em função de que a gente não tem muita verba pra adquirir material, a gente até recebe uma verba pra adquirir alguns livros, mas que não é muita coisa. É para aquisição de obras do autor que vai visitar a escola, em razão do Programa Adote um Escritor. Mas o acervo não é muito grande.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

A *contação* de histórias é apontada como uma atividade que motivava muito os alunos, a qual era esperada com entusiasmo e até mesmo euforia:

“[. . .] e aquela atividade de contação de histórias que as crianças amavam, ficavam esperando se ia ter o tal do teatro, a contação de histórias. A gente descobriu o Projeto no final do ano de 2004 e fez duas solicitações e houve duas contações. Depois não houve mais, porque nós entramos em férias e depois não teve mais o Projeto.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

Em um outro depoimento a validade do Projeto é reforçada e um mesmo aspecto, ou seja a limitação quanto ao acervo da escola, é mencionado novamente como se pode observar:

“Eu acho que o Projeto contribuiu sim, porque enriqueceu. A gente fica limitado quanto a aquisição de novos livros, têm livros que a gente não tem acesso. Tem professora que pede, agora a gente está com uma lista de livros. A gente fica meio isolado de novos lançamentos, e aquela Caixa-Estante nos trouxe muitas novidades. Eu acho isso importante. Foram umas 4 ou 5 caixas e mais a contação de histórias, que eu também acho que foi algo que enriqueceu bastante. A gente conta histórias, mas no Arte de Ler são outras pessoas, contam de um outro jeito.” (Henara Ferreira, professora e atendente da biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, depoimento prestado em 23/09/2005).

Nota-se assim que o *Projeto Arte de Ler* apresenta-se como um subsídio importante na formação de leitores nessas escolas. Dessa forma, percebe-se que os resultados são positivos e que a comunidade escolar mostra-se motivada e interessada pelo Projeto:

“Com certeza o Projeto contribuiu para a formação de leitores. Só veio qualificar o nosso trabalho, só veio ratificar aquilo que a gente vinha fazendo. Eu acho que só veio acrescentar no nosso projeto, o Projeto do CERLIJ, não tem como dizer que não.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

A professora salienta a importância do novo, do diferente como elemento fundamental no processo do desenvolvimento das crianças, isso se dava através das atividades do *Projeto Arte de Ler*:

*“Para contação de história a gente fazia toda uma preparação, era um dia diferente em que vinham pessoas visitá-los, que queriam conhecê-los. Nós fazíamos a hora do conto, a gente tem períodos de hora do conto aqui na biblioteca, então a gente marcava em vez da gente fazer a hora do conto vinha uma vez por mês a **hora do conto especial** com o pessoal do CERLIJ, foram dois anos. As crianças adoravam, porque é **novidade**, são outras pessoas, que não as professoras que eles estão acostumados. São outros livros que a gente não tinha na escola. Alguém, **além da escola**, também está preocupado com que eles gostam de ler, com que eles leiam. É o **diferente**, foge daquele nosso trabalho semanal com os alunos.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005, grifo nosso).*

Ainda em relação a *contação* de histórias a interação das crianças com a equipe do Projeto é relatada com entusiasmo:

“O pessoal interagiu com eles, conversava, perguntava coisas pra eles, e eles podiam fazer relações. Às vezes eram histórias que eles já conheciam aí eles falavam: ah, essa história a minha ‘profe’ já contou! Então, eles contavam de novo ou contavam outra, ou então contavam com um material que a gente não tinha. Contavam com outro recurso: figuras, bonecos, fantoches.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

No que se refere à narração de histórias já conhecidas pelas crianças Teberosky e Colomer (2003) argumentam que as crianças gostam de ouvir várias vezes a mesma história e que a repetição da mesma ajuda a criança em vários sentidos: quando a história lhes é familiar, elas a memorizam, podendo contá-la novamente, lembrá-la e fazer comentários sobre as personagens, os acontecimentos, bem como seus títulos e temas. Portanto, o fato do conhecimento prévio da narrativa contribuía para a integração mencionada anteriormente:

“[. . .] o pessoal do CERLIJ pedia ajuda e dizia: se tu já conheces a história então ajuda a gente. Havia interação, eles podiam fazer relações de histórias com outras histórias, com contos de fadas. Era bem legal.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

A única preocupação que a professora Márcia relata é em relação aos livros da Caixa-Estante, pois havia receio de que fossem extraviados ou danificados:

“A Caixa-Estante ficava aqui na Biblioteca e a gente divulgava para os professores que tivessem interesse em trabalhar com os livros e as crianças liam aqui. Como não eram livros nossos a gente tinha um certo temor deles levarem para casa. Não eram livros nossos, a gente teria que dar conta desses livros, então os livros ficavam na Biblioteca. Aqui dentro podiam circular tranqüilamente e os professores retiravam nos seus nomes e levavam para sala de aula para que eles explorassem em sala de aula esses livros. A gente só não emprestava para levar para casa os livros do CERLIJ, mas no mais eles tinham contato.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

O Projeto, bastante solicitado, nem sempre conseguia contemplar todas as turmas interessadas:

“[. . .] acho que nós fomos uma das primeiras escolas a participar do Projeto. Nós, todos os anos participamos. Assim que as gurias do CERLIJ confirmavam que a gente ia continuar, eu lançava na reunião dos professores no início do ano e sempre eu tinha que fazer sorteio para ver quem que iria usar. Porque sempre havia um monte de turmas que gostariam de trabalhar com o Projeto Arte de Ler. Então, eu fazia o sorteio e escalava duas turmas por mês, às vezes a gente renovava, às vezes trocava a caixa.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

A bibliotecária comenta o envolvimento com o Projeto no decorrer no ano:

“[. . .] eu passava o ano inteiro envolvida com a caixa e as turmas. Todo o trabalho que tem da biblioteca da escola, o trabalho que tem do professor em sala de aula e ainda tinha os livros do CERLIJ que muito nos ajudavam em relação aos títulos.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

A repercussão positiva do *Arte de Ler* despertou o interesse de outras instituições a participarem. Os comentários entre educadores e a própria

comunidade escolar resultou em uma espécie de propaganda dos serviços do *Arte de Ler*, mas infelizmente, nem todas as escolas foram atendidas em vista do grande número de pedidos:

“Aqui na Escola, como desde o início a gente chamava o Projeto, a gente era contemplada. Porque não eram todas as escolas que conseguiam ser contempladas, porque a procura foi bastante. Por isso, a Escola valorizou muito, e eu sempre que falei em seminários, que fiz alguma palestra em alguma escola ou alguma oficina para professores eu sempre falei do Projeto do CERLIJ, como que ele poderia auxiliar as escolas.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

É mencionado o benefício que o Projeto traria às escolas que carecem de biblioteca, bem como o interesse em tê-lo:

“[. . .] para as estaduais que não têm biblioteca o CERLIJ seria quase que uma coisa de outro mundo. A minha cunhada que era de outra escola do Estado sempre teve interesse no Projeto, até nem sei se ela chegou a participar alguma vez, mas ela sempre teve interesse, porque ela não tinha biblioteca lá, a biblioteca da escola dela era fechada.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Mesmo havendo bibliotecas ativas nas escolas a interferência do Projeto caracterizou-se positiva:

“[. . .] E para nós do município que temos biblioteca, todas as escolas têm biblioteca e estão abertas, o Projeto vem complementar, auxiliar, sendo importante nesse aprendizado da leitura dentro da escola.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Apesar do *Projeto Arte de Ler* ter contemplado somente uma única vez a escola, a professora refere-se à sua importância:

“O Projeto foi muito esperado, nós fomos numa reunião que o CERLIJ apresentou o Projeto, que era possível trazer para as escolas, aí eu fui atrás para trazer para nós. Eu procurei o grupo e fechamos os horários para 19 de novembro [2004] e elas estiveram aqui na Escola uma vez, a frequência não foi sistemática, mas tenho certeza que no dia que vieram valeu, não resta dúvida que valeu.” (Vera Urrigo, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Grande Oriente do RS, depoimento prestado em 30/09/2005).

A professora da única escola estadual visitada menciona a importância do Projeto, porém declara que para seus alunos não foi novidade:

*“Eu acho que é um serviço que contribui, mas aconteceu uma vez só, foram duas meninas que vieram, que contaram duas histórias na minha turma, elas usaram um aventalzinho, que foi um recurso legal, mas eu acho que **aqui na escola a gente já está além disso.**” (Elaine Ferreira, professora e atendente da biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Leopoldo Tietböhl, depoimento prestado em 21/09/2005, grifo nosso).*

O que se observa no relato acima supostamente seja consequência do padrão social dos alunos, pois foi a única escola não localizada na periferia da cidade. Isso mostra a realidade do nível de leitura a partir de contextos diferentes. Enquanto que para as escolas da periferia as atividades do Projeto constituem relevante acontecimento, para a referida escola foi apenas mais uma história contada:

“[. . .] foi bom, eles gostaram, mas, não foi uma coisa que despertasse tanto interesse porque eles já trabalham assim. Foi uma vez só, vieram duas meninas, ficou a Caixa-Estante que circulou durante um mês, depois desse tempo houve o recolhimento.” (Elaine Ferreira, professora e atendente da biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Leopoldo Tietböhl, depoimento prestado em 21/09/2005).

A mesma professora relata o fato da leitura já fazer parte do dia-a-dia dos alunos da escola:

“As gurias do CERLIJ notaram o diferencial dos nossos alunos quando elas contaram as histórias, elas disseram que eles prontamente se envolvem, ficam ouvindo [. . .] Sim, eles estão acostumados a ouvir histórias, não quer dizer que não tenha sido bom, foi bom, foi ótimo, só que não foi uma coisa ultra-diferente.” (Elaine Ferreira, professora e atendente da biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Leopoldo Tietböhl, depoimento prestado em 21/09/2005).

Ainda que a *contação* de histórias não tenha despertado tanto interesse nessa escola, o serviço da Caixa-Estante é bastante citado pelos professores como um diferencial do Projeto, independente da escola ser estadual ou municipal, localizar-se na periferia ou não:

“[. . .] a Caixa-Estante circulou durante um mês, depois desse tempo houve o recolhimento. Uma coisa que eu achei legal foi a montagem da caixa, a escolha dos livros para a caixa foi feita por sugestão nossa, da Escola, dentro daquilo que nós estávamos trabalhando. A maioria dos livros agradou bastante, os alunos trocavam entre si, as revistas foram emprestadas para as famílias, foi legal.” (Elaine Ferreira, professora e atendente da biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Leopoldo Tietböhl, depoimento prestado em 21/09/2005).

Os livros da Caixa-Estante provocam a curiosidade leitora em alunos que ainda não adquiriram a habilidade da leitura:

“[...] eles adoravam. Não só o interesse pela leitura aumentou como o cuidado com o material, que era um material que não era da Escola. Então eles valorizavam, cuidavam. Se trazia sempre a questão que a gente tinha que cuidar para poderem trazer mais livros e isso ajudou até dentro da sala de aula. O cuidado com os livros foi uma coisa que a gente pode trabalhar bastante. A Caixa-Estante passou por todas as turmas e a cada uma a seu nível ia se explorando, dependendo da faixa etária. A caixa passou por todas as turmas, mas no Jardim B teve um efeito ótimo, era a caixa dos tais dos livros.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

Ainda em relação à Caixa-Estante outra professora comenta:

“Eu sempre olhava todos os livros, eram livros que a gente não conhecia, que nós não tínhamos e que gente acabava adquirindo. Livros que a gente via que os professores comentavam que os alunos estavam gostando, que levavam para casa, que faziam trabalho em aula com aqueles livros. Os livros eram bem explorados. Então, eu acho que serviu bastante para complementar toda questão da leitura aqui na Escola.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

A mesma professora fala sobre a importância e a qualidade do material da Caixa-Estante e também menciona a suspensão do Projeto:

“[...] sempre foi muito importante e a gente sempre valorizou bastante o tipo de material, os livros eram novos, eram bons, a seleção que elas faziam [equipe CERLIJ] sempre era bem de acordo com que a gente solicitava. Então, para nós foi uma pena a parada desse Projeto, porque sempre foi muito importante aqui, todo mundo valorizava.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

A *contação* de história é vista como um momento lúdico, de diversão e de brincadeira. Para MORIN (2000)⁸ a brincadeira é uma forma de aprendizado, pois “[. . .] a ludicidade é sempre muito interessante [. . .] as crianças aprendem a interpretar o silêncio, as atitudes do outro parceiro, a situação que está sendo proposta naquele momento. Além disso, as brincadeiras aguçam a imaginação.” Nessa perspectiva, a ludicidade da Hora da Leitura é descrita com entusiasmo e como uma maneira divertida de desenvolver o gosto pela leitura:

“[. . .] É uma maneira muito divertida, no sentido de auxiliar no gosto pela leitura, no gosto pela audição de histórias, pela criatividade, porque as crianças viam uma forma diferenciada, lúdica. Era uma outra forma de ver, pois às vezes a história muda conforme a pessoa conta, o enfoque que a criança dá muda de acordo como ela escuta a história. Isso é bom para a criatividade deles, para o conhecimento das histórias.” (Iara Fleck, professora e atendente da biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

É exposta a maneira diferenciada da equipe do CERLIJ em relação à narração de histórias:

“O grupo do Arte de Ler contava histórias do jeito deles, aquele menino que contou a história do Patinho Feio, eu nunca ouvi na minha vida a história do Patinho Feio como a contada por um deles, todo mundo ficou encantado, muito bom, tinha um rapaz que era ótimo.” (Iara Fleck, professora e atendente da biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

⁸ Documento eletrônico.

A aceitação das atividades proporcionadas pelo *Arte de Ler* revela-se consonante entre as escolas atendidas. Nota-se que o Projeto despertou tanto nos alunos quanto nos professores o interesse pela leitura, em conhecer novas histórias:

“O Projeto despertou o interesse pela leitura em todos, porque todo mundo curtia a caixa de livros. O professor na aula tinha a possibilidade de explorar trinta e tantos livros, os alunos além de fazerem o rodízio das leituras ainda a professora poderia explorar aqueles livros e nós da biblioteca tínhamos o conhecimento daquele material. Então, ampliava até mesmo a nossa visão, porque a gente ia comprar, a gente ia se informar, fazia contação em cima do material desse Projeto. Porque quando a gente atua em biblioteca escolar a literatura tem que ser viva, tem que ser muito bem colocada dentro da biblioteca. O que para mim eu acredito que seja o que mais aproxima o leitor do livro é o caminho da literatura.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Os depoimentos denotam que o *Arte de Ler* além de cumprir o seu papel de fomentador de práticas de incentivo à leitura colabora para a transformação das bibliotecas escolares em ambientes vivos, dinâmicos, atuantes. Para a consultora para Bibliotecas Escolares, Graça Maria Fragoso (2004) a biblioteca escolar está longe de constituir mero depósito de livros, a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como simples apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. A consultora ressalta o trabalho conjunto do profissional que atua nesse espaço, bem como as possibilidades oferecidas pela biblioteca escolar: “[. . .] o bibliotecário trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolado. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das idéias e da informação.” (FRAGOSO, 2004, p. 12). Nesse mesmo aspecto, Neves (2003) ressalta também a importante parcela de responsabilidade do pessoal

que dinamiza a biblioteca escolar na questão do sucesso ou do fracasso de uma proposta pedagógica que vise à formação de leitores.

Dessa maneira a biblioteca mostra-se como um espaço integrado ao processo pedagógico. Revela-se desse modo que o *Arte de Ler* contribui de maneira significativa no sentido de seduzir a biblioteca escolar para o desempenho de suas funções educativa e cultural. Percebe-se o entusiasmo provocado pelos serviços do Projeto, a comunidade escolar sente-se motivada para realizar atividades semelhantes:

*“O CERLIJ vinha uma vez por mês aqui, durante mais de três anos, quando não estava em greve (risos). Para nós era muito bom, nos traziam uma caixa de livros, trocavam. As meninas eram ótimas! Principalmente a contação de histórias, as crianças gostavam demais, porque eram sempre pessoas bem preparadas. E funcionava, **muitas idéias e sugestões eu pegava e copiava** modelos depois eu fazia com outras turmas, assim multiplicava.” (Iara Fleck, professora e atendente da biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005, grifo nosso).*

Em vista dos depoimentos mencionados fica claro que o *Arte de Ler* estava incorporado no ambiente escolar como um apoio pedagógico de relevância na contribuição para a formação de leitores. Percebe-se também a ampliação do interesse de leitura, não só em relação aos alunos como também professores. Assim, no item seguinte veremos os depoimentos sobre o significado desse Projeto para as Escolas.

3.3 O significado do Projeto para a Escola

Pode-se afirmar, com base nos depoimentos dos professores, que a atuação do *Arte de Ler* foi bastante significativa para as escolas. Destaca-se ainda o empenho dos educadores em manter a parceria com o CERLIJ como forma de viabilizar a oportunidade de ampliar o desenvolvimento de leitores em suas potencialidades como cidadão. Isso se dá, principalmente, nas escolas da periferia da cidade, onde o acesso a material literário é restrito, e limita-se ao ambiente escolar:

“É uma forma de poder dar acesso a outros materiais as nossas crianças. Principalmente na rede pública, as escolas que não tem recurso financeiro para estar adquirindo material. Então, tudo que é projeto que a gente pode se engajar a gente sempre procura, porque são mais parceiros com esses trabalhos com as crianças. Os nossos alunos em especial não têm muito acesso a essa questão da escrita, da leitura, as famílias são famílias pobres, não tem o hábito da leitura em casa, nem de jornal.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

O relato a seguir comprova que muitas vezes o primeiro contato com os livros se dá na escola, também salienta a importância do Projeto em relação ao seu acervo:

“[. . .] às vezes a gente recebe crianças de fora, que não passaram pela escola, vem direto para o Jardim e que não sabem nem folhar um livro, olham de cabeça para baixo. Então, esses projetos são importantes no sentido de poder viabilizar outras possibilidades, ampliar o acervo, ampliar o contato com outros materiais.” (Isabel Brum Abiana, professora da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

As opiniões não divergem quanto ao significado do Projeto no que diz respeito à parceria entre a Escola e o CERLIJ. Evidenciou-se que o suporte prestado, através das estratégias de promoção e incentivo à leitura, ofereceu respaldo e condições para as escolas alcançarem uma certa autonomia na qualificação de seus próprios projetos:

*“Parceria. Eu acho que a importância é essa **parceria** de saber que se pode contar com outras Instituições para nos ajudar, para qualificar o trabalho que vem sendo feito, para mostrar para as crianças que em outros lugares também se está fazendo projetos, propostas, que também está acontecendo movimentos de leitura em outros lugares, com a finalidade de trazer o diferente para eles, o novo, a novidade para dentro da sala de aula, para a biblioteca.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005, grifo nosso).*

E o entusiasmo continua, pois é repetida várias vezes essa mesma idéia:

“[. . .] a importância do Projeto é principalmente o estabelecimento de parcerias com outras Instituições. Isso vem para contribuir com o nosso projeto da Biblioteca e para as crianças é a questão da novidade, a possibilidade de explorar outras vivências, experiências com outras pessoas, com uma outra proposta.” (Márcia Gomes, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

Novamente enfatiza-se a importância, bem como os efeitos resultantes da ação do *Arte de Ler*.

*“É um ponto a mais, tudo vem a somar, é uma forma de os alunos verem que tem outras pessoas inseridas na questão de que a leitura é importante, que trazem o livro e representam aquele livro dessa forma [contação de histórias] para despertar o gosto de ler. **Hoje a nossa situação se deve muito a esses fatos.** Agora tem criança que vem diariamente na biblioteca.” (Henara Ferreira, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, depoimento prestado em 23/09/2005, grifo nosso).*

A valorização do CERLIJ enquanto espaço importante em relação ao acervo de literatura infantil e juvenil é relatado da seguinte maneira:

“[. . .] eu sempre valorizei muito aquele espaço, sempre achei muito importante. Como eu fui para fazer Biblioteconomia e já trabalhava em biblioteca escolar, a literatura infantil e infantil e juvenil representa muito para mim. Representa todo meu trabalho. Então, eu sempre valorizei muito aquele espaço do CERLIJ como instituição literária.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Outra vez a idéia de parceria entre o CERLIJ e a escola é mencionada:

“[. . .] a Escola sempre teve o CERLIJ como parceiro. Eles nos faziam doações de revistas, e muitos locais que eu consegui material, intercâmbio de idéias, e solicitava revistas, foi através do CERLIJ.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Outro ponto que chama a atenção é o engajamento dos professores no processo de ativar o gosto pela leitura nos alunos. Segundo Magnani (1994, p. 104) “[. . .] o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores.” E ainda ressalta que o professor tem o papel principal de articular princípios e práticas. Para Vygotsky (2003), é o professor quem trabalha na

zona de desenvolvimento proximal da criança. Ele postula dois níveis de desenvolvimento: um é o *nível real* de desenvolvimento, isto é, o que a criança pode fazer, de forma independente, para resolver um problema, porque já tem um conhecimento consolidado; o outro é o *nível potencial* de desenvolvimento, ou seja, o nível no qual a criança pode resolver um problema com a orientação de alguém mais experiente. A distância entre esses dois níveis constitui a *zona de desenvolvimento proximal*.

Isso significa que é necessária a intervenção de um adulto, aqui representado pelo professor, para movimentar os processos de desenvolvimento das crianças. O professor cumpre o papel de mediador, ou seja, é quem ajuda a criança concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Portanto, é função do docente provocar avanços nos alunos. Baseada nessa concepção vygotskyana Zacharias⁹ diz que o professor tem o papel explícito de interferir no processo de ensino-aprendizagem. E menciona a importante atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo.

Em vista disso, o *Arte de Ler* inserido na comunidade escolar cumpre o papel de mediador na contribuição no processo de ensino-aprendizagem através de suas estratégias fomentadoras do prazer de ler. Suas atividades constituem-se num momento privilegiado no processo pedagógico, pois provocam avanços no desenvolvimento das crianças que provavelmente não ocorreriam de maneira espontânea. Quanto a esse aspecto cabe dizer que “[. . .] só aprendemos aquelas coisas que nos dão prazer.” (ALVES, 1988, p. 106).

⁹ Documento eletrônico.

Talvez pelo motivo de ter se consolidado como auxiliar nas práticas pedagógicas e também por já fazer parte do cotidiano das escolas que a interrupção do Projeto é comentada pelos professores:

“A gente ficou com pena quando elas [coordenação do Arte de Ler] ligaram dizendo que tinha terminado o Projeto, a gente disse é mais uma parceria que se vai [. . .] o Projeto era efetivo, vinha sempre, foram mais ou menos três anos.” (Isabel Rossi, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, 29/09/2005).

Com um sentimento de nostalgia, porém com muito humor que a professoras relembram de momentos da seção da Hora da Leitura:

“[. . .] nós queríamos mais, era uma turminha só e a lara “socava”, três, quatro turmas para escutarem a contação de histórias (risos). As meninas eram uns mimos não tinham coragem de dizer nada, mas a Milene já ligava e dizia que tinha que ser menos gente. Ela dizia: ‘lara, tu não abusa, não é para fazer isso, no máximo três turmas’ (risos). É que a gente ficava com pena, as crianças ficavam loucas para assistirem a apresentação das histórias e a gente colocava quatro, cinco turmas para assistirem. Só isso, nós queríamos mais.” (Isabel Rossi, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, 29/09/2005).

A declaração de Rosinaura sintetiza o significado do Projeto para as escolas:

“[. . .] Era um caso de paixão entre a escola e o CERLIJ.” (Rosinaura Barros, professora e bibliotecária da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

O projeto significou novas possibilidades da escola desenvolver as potencialidades de leitura de seus alunos, da mesma forma que atuou como um

importante instrumento na motivação e constituição de leitores como veremos no item seguinte.

3.4 Motivação para a leitura entre os alunos

É preciso afastar o caráter formal que ronda a leitura e provoca o afastamento de leitores potenciais. É importante destacar a sua importância e a possibilidade que ela nos oferece de conhecer e de viver diferentes mundos. Sabe-se que para a fruição da leitura ocorrer é necessário que haja motivação. As atividades promovidas pelo *Arte de Ler* desencadeiam esse processo interno que constitui a motivação.

Os depoimentos prestados pelos alunos revelam uma concordância quanto a motivação para a leitura:

“Gosto de ler, porque eu acho interessante, a pessoa que lê tem mais sabedoria.” (Jéssica, 10 anos, aluna do 2º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, depoimento prestado em 23/09/2005).

O mesmo aspecto é apontado por Suelen:

“Sim, eu gosto de ler. Lendo a gente aprende mais.” (Suelen, 8 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

O desejo de aprender mais, adquirir novos conhecimentos incita a motivação para a leitura. Em todos depoimentos as crianças afirmam a importância do ato de ler:

“[. . .] gosto de ler, a gente aprende mais coisas lendo.” (Brenda, 9 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Na declaração de Natacha percebe-se a importância da literatura no despertar para o prazer pela leitura:

“Eu ainda não sei ler, mas eu gosto dos personagens dos livrinhos [. . .].” (Natacha, 6 anos, aluna do Jardim B da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

A declaração de Natacha confirma Fragoso quando diz que o livro pode fazer parte da vida da criança muito antes dela ter habilidade de leitura. A autora reitera:

O mundo dos livros não é outro que não o mundo da comunicação e da linguagem em seu sentido mais amplo. A literatura infantil é uma realidade interdisciplinar que, em muitas de suas manifestações, está relacionada com outros modos de expressão (o movimento, a imagem, a música) que formam a bagagem comunicativa da criança desde seus primeiros anos. O prazer de ler é antecedido pelo prazer da escrita e da observação e evolui para uma atitude de curiosidade leitora diante da vida. (FRAGOSO, 2002, p. 5).

Diante dos depoimentos dos alunos nota-se que eles têm convicção de que a leitura propicia benefícios, tais como sabedoria, aprendizado. Mas, além disso afirmam, antes de mais nada, gostarem de ler. Cabe aqui validar as palavras de Machado (2001)¹⁰ quando diz que “[. . .] ler é gostoso demais. Por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça.”

Isso denota que de alguma maneira os alunos são motivados à leitura. Como será verificado no texto a seguir.

¹⁰ Documento eletrônico.

3.5 Interesse dos alunos na contação de histórias

O *Projeto Arte de Ler* foi cancelado, pela sua coordenação, por razões administrativas, em abril de 2005, mas devido ao período de férias das escolas participantes, a seção de *contação* de histórias, assim como o serviço de Caixa-Estante, foi encerrada no final de novembro de 2004. Embora os depoimentos tenham sido coletados em setembro de 2005, ou seja, cerca de um ano após os últimos contatos com os serviços do Projeto, demonstram que, apesar do tempo decorrido, os alunos têm lembranças vivas da seção de *contação* de histórias proporcionadas pela Hora da Leitura:

“Eu gosto, acho legal as historinhas. As moças gostam de ler os livrinhos pra nós, fazer atividade, gostam de fazer um monte de coisa com a gente. Porque era monte de coisa que eu não tinha. Só tinha a história da Turma da Mônica que eu ficava olhando e recortando e daí quando eu gostei da historinha foi legal.” (Natacha, 6 anos, aluna do Jardim B da Escola Municipal Infantil Padre Ângelo Costa, depoimento prestado em 22/09/2005).

A *contação* de histórias constitui uma excelente maneira de conquistar o interesse pela leitura. Os alunos sentem-se atraídos por essa estratégia divertida de apresentação da literatura. Além disso, Barcellos e Neves (1995, p. 18) afirmam que “[. . .] a criança que ouve histórias com freqüência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e, principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento.” A *contação* de histórias também é considerada uma forma de aprender:

*“Vinhem contar histórias aqui, era legal. Eu gosto muito. Eu acho muito interessante, porque a gente tava aprendendo muito mais com as historinhas. A gente tava aprendendo com a professora, mas com as historinhas a gente tava aprendendo mais, se divertindo, **aprendendo e se divertindo ao mesmo tempo.**” (Jéssica, 10 anos, aluna do 2º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, depoimento prestado em 23/09/2005, grifo nosso).*

Suelen confirma:

“Gosto de ouvir histórias, a pessoa fala e a gente vai aprendendo.” (Suelen, 8 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

A narração de histórias, a participação da criança nas mesmas, possibilita o trânsito entre a fantasia e a realidade (BARCELLOS; NEVES, 1995). A integração proporcionada por esses momentos de narração de histórias é relatada:

“Eu participei de uma historinha que uma menina pediu pra eu ajudar ela e eu era o sol.” (Ariele, 8 anos, aluna do 2º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

A atividade estimula para que histórias também sejam contadas:

“Eu também gosto de contar histórias.” (Brenda, 9 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Pode-se perceber nos depoimentos, apesar do tempo decorrido, que os alunos não só lembram como também prestigiaram as seções de *contação* de histórias. Assim, se expressa o interesse deles nesse modo lúdico de apresentação

da literatura infantil e juvenil. Isso pode ser entendido como um fator relevante para a reestruturação do *Projeto Arte de Ler*.

Outro exemplo da influência exercida pelo encanto das histórias narradas é exteriorizado através de desenhos feitos pelas crianças.

Isso pode ser exemplificado por desenhos produzidos pelos alunos do primeiro ano do 2º ciclo da Escola Municipal Vila Monte Cristo a partir da *contação* da história *Ritinha Danadinha* de Pedro Bandeira, selecionados nos arquivos do CERLIJ. Com base na metodologia de *análise de conteúdo* de Moraes (1999) foram estabelecidas as seguintes categorias para os referidos desenhos:

- **imitação**: a repetição e/ou a semelhança presente nos desenhos analisados.

- **observação**: apresentam assimilação, apreensão, retenção, guarda de informações contidas na história narrada.

- **imaginação**: apresentam fantasia e liberdade na representação a partir da história contada.

- **criatividade**: apresentam vivacidade e capacidade de criação.

- **emotividade**: capacidade de envolvimento com uma determinada situação desencadeando um estado emocional que se manifesta como alegria, tristeza, raiva, etc.

Figura 1

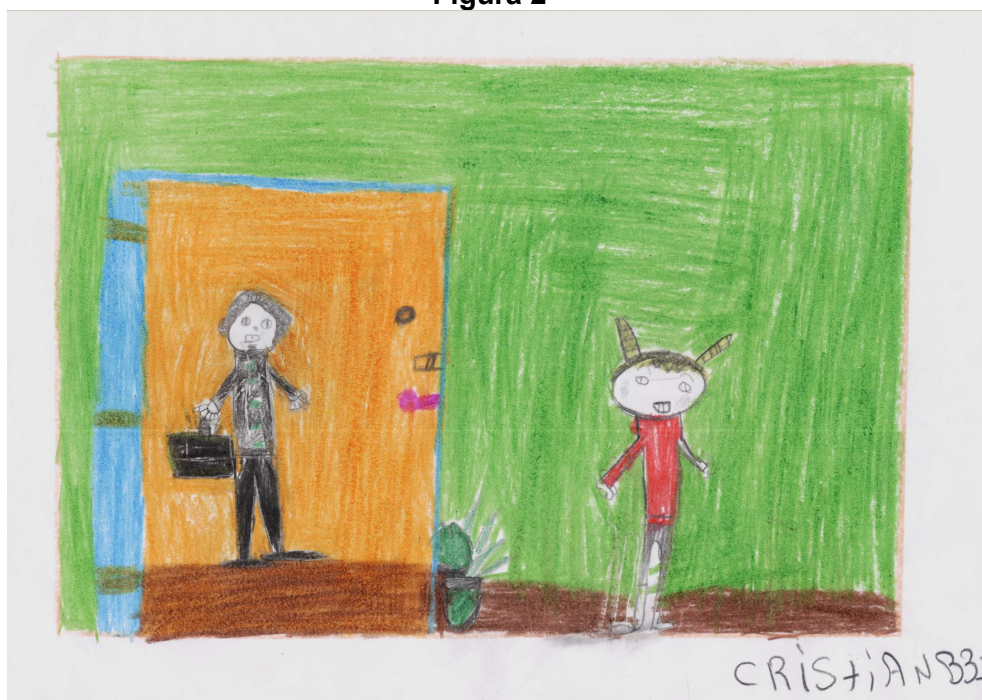


Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura

Fonte: Arquivos do CERLIJ

A **imitação** é expressa em todos os desenhos (figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6), pois fica evidente a semelhança entre os mesmos. Nota-se nitidamente que se trata da mesma história, isso é revelado pela representação da personagem principal. Assim como a criança imita determinadas atividades realizadas pelos adultos, como por exemplo, brincar de casinha, ser a professora, ela também imita outras crianças. É o caso da repetição de certos elementos gráficos usados nos desenhos: corações ilustrados nas margens (figuras 4 e 5), ou o móvel com gavetas (figuras 4, 5 e 6). Mas, de acordo com Derdyk (1989, p. 110), “[. . .] imitar não implica necessariamente ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitem interesse.” Portanto, a imitação possui um significado distinto da cópia, ela decorre da experiência pessoal, orientada pela seleção natural que a criança efetua dos ‘objetos’, para então se apropriar deste ou daquele conteúdo, forma, figura, tema, através da representação.

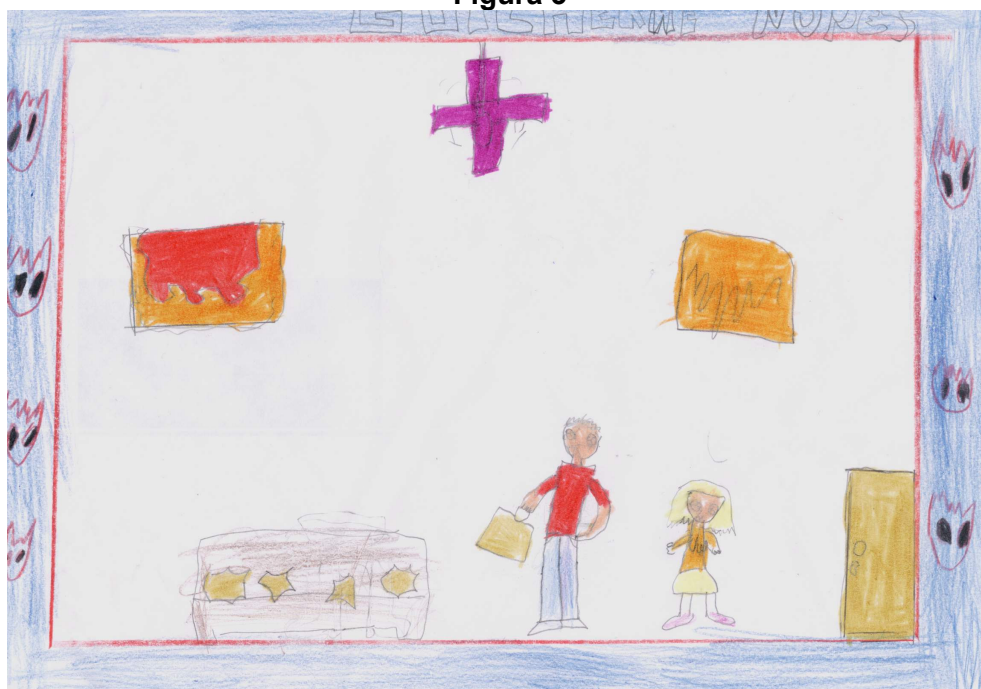
Figura 2

**Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura**

Fonte: Arquivos do CERLIJ

A **observação** revela que a criança está presente, está alerta, atenta, retendo todas as peculiaridades que estão sendo narradas e expostas a sua vista. Isso se manifesta através de detalhes como a presença dos quadros na parede (figura 3), o vaso com flores (figura 4 e 6), a personagem do vendedor com sua mala de produtos na mão (figura 2 e 3), a ilustração do ursinho de brinquedo de Ritinha (figura 4). Desse modo, as imagens nascem da observação e “[. . .] a observação trabalha conjuntamente com a memória.” (DERDYK, 1989, p. 118).

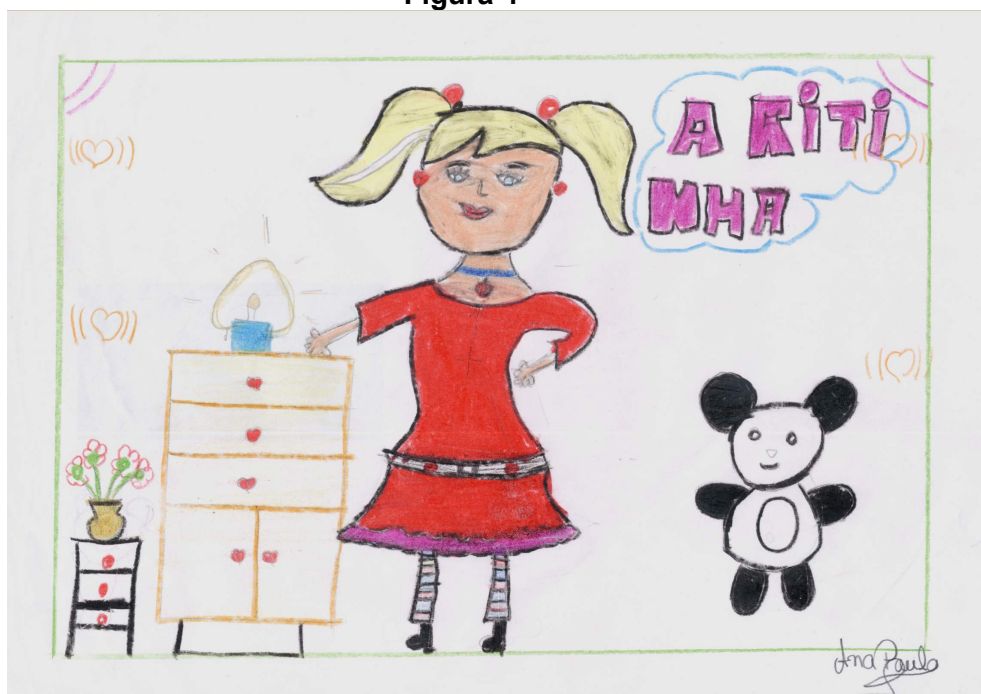
Figura 3



Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura

Fonte: Arquivos do CERLIJ

Figura 4



Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura

Fonte: Arquivos do CERLIJ

Figura 5

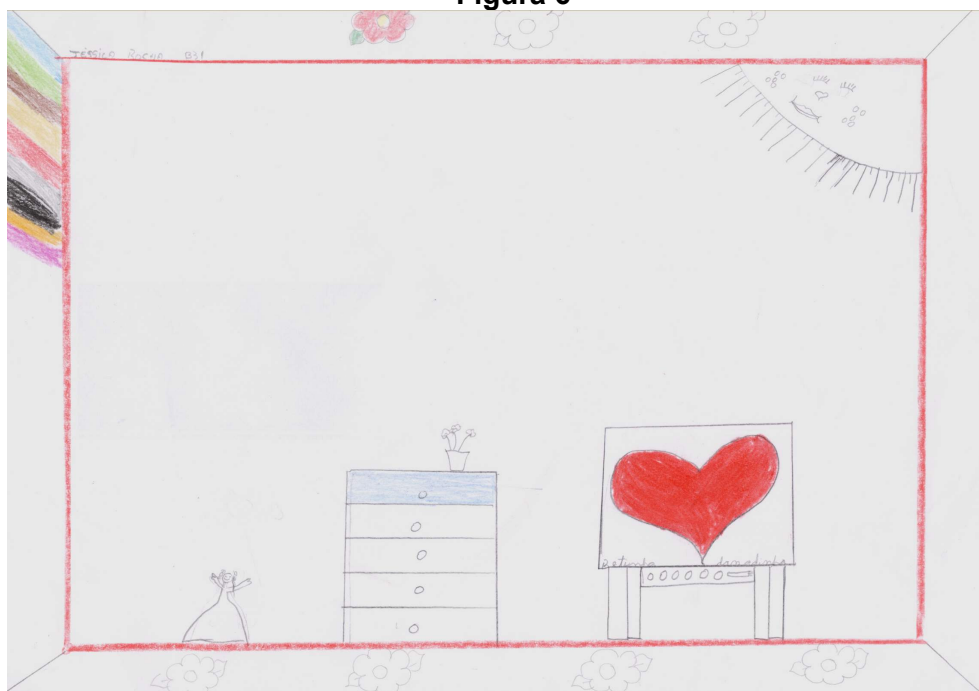


Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura

Fonte: Arquivos do CERLIJ

A **imaginação** e a **criatividade** têm a memória e a observação como aliadas. Pois a memória retém dados, fatos, imagens, informações que tem origem de uma observação. Dessa forma, a memória e a observação propiciam o desenvolvimento da imaginação e do ato criativo. A imaginação se dá através da liberdade da representação aonde o desenho vai além da história contada, como a estilização da personagem Ritinha (figura 4), pois a criatividade permite novas associações, novas formas de interpretar provavelmente ligadas às vivências de quem desenha. A criatividade também está presente nas cores fortes usadas na pintura da casa de Ritinha (figura 2).

Figura 6

**Desenho de aluno a partir da Hora da Leitura**

Fonte: Arquivos do CERLIJ

Segundo Derdyk (1989, p. 112) o “[...] desenho é sempre uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original.” Entretanto, o desenho pode revelar o grau de percepção e desenvolvimento da criança. O ato de desenhar manifesta a motivação das crianças inspiradas na *contação* de histórias. A história representada graficamente é o registro do prazer proporcionado pelo mundo da leitura, pelo mundo da imaginação.

Logo, podem existir mil outras interpretações por parte dos adultos quanto ao ato de desenhar das crianças, bem como podem haver outras tantas interpretações feitas pelas crianças, dependendo de suas motivações, seus impulsos, que às vezes se configuram até mesmo em outra história passível de outras significações.

Portanto, não houve a intenção neste trabalho de submeter os desenhos em questão a uma análise profunda onde caberiam muitas outras leituras, ou

classificações quanto ao nível cognitivo, a idade, a técnica usada, etc., mas apenas um pretexto para mostrar uma das formas de manifestação das diferentes experiências culturais e da bagagem criativa expressa pelos alunos atendidos pelo Projeto.

3.6 As surpresas da Caixa-Estante

A Caixa-Estante representa diversidade no acervo das escolas. É a oportunidade da convivência com a literatura que permite, conforme (MACHADO, 2001)¹¹ “[. . .] sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações [. . .]”. A possibilidade que algumas escolas ofereciam de levar os livros para casa era vista como uma ação incentivadora pelos alunos:

“Eu achava muito legal a caixa de livros, porque a gente podia levar pra casa, ler, depois a gente trazia, tinham muitos livros legais.” (Brenda, 9 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

A literatura nos dá acesso a uma parte da herança cultural da humanidade, afinal, temos direito a conhecer Dom Quixote, algumas histórias da Bíblia, o Cavalo de Tróia... (MACHADO, 2001)¹². Quando se dá a chance de conhecer histórias interessantes através de bons livros é natural que o gosto pela leitura flua espontaneamente. Assim, as leituras do acervo da Caixa-Estante são lembradas:

¹¹ Documento eletrônico.

¹² Documento eletrônico.

“Eu gostava de ler as poesias. Histórias, aquelas histórias que têm que os escritores escrevem da vida deles, sabe? Aquelas histórias que já aconteceram, eu gosto de ler muito de noite.” (Jéssica, 10 anos, aluna do 2º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, depoimento prestado em 23/09/2005).

Suelen recorda:

“Tinha vários tipos de histórias, contos [. . .]” (Suelen, 8 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Wenceslau Fontoura, depoimento prestado em 26/09/2005).

Assim como Brenda:

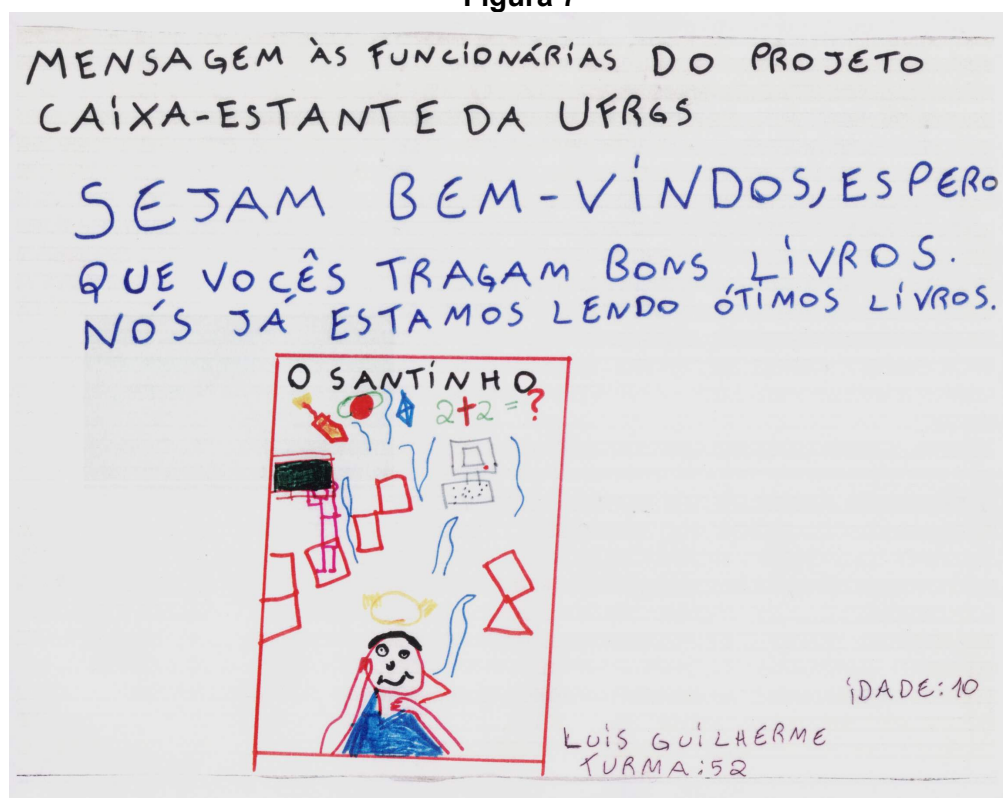
“[. . .] gibis, revistas, livros, Bruxa Onilda, Érico Veríssimo [. . .]” (Brenda, 9 anos, aluna do 1º Ciclo da Escola Municipal Vila Monte Cristo, depoimento prestado em 28/09/2005).

Gabriela comenta suas preferências:

“Poema eu acho bonito [. . .] Eu gosto muito da Ruth Rocha [. . .].” (Gabriela, 8 anos, aluna do 2º Ciclo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Lidovino Fanton, depoimento prestado em 29/09/2005).

A demonstração do reconhecimento do serviço da Caixa-Estante é explícita como pode ser observada na imagem seguinte (figura 7). Seguindo a concepção de *análise de conteúdo* de Moraes (1999) estabelece-se a categoria **emotividade**, pois o desenho manifesta o envolvimento dos alunos com a equipe do Projeto através da receptividade, do prazer em acolher bem quem traz a leitura, os livros.

Figura 7

**Mensagem à equipe do Projeto Arte de Ler**

Fonte: Arquivos do CERLIJ

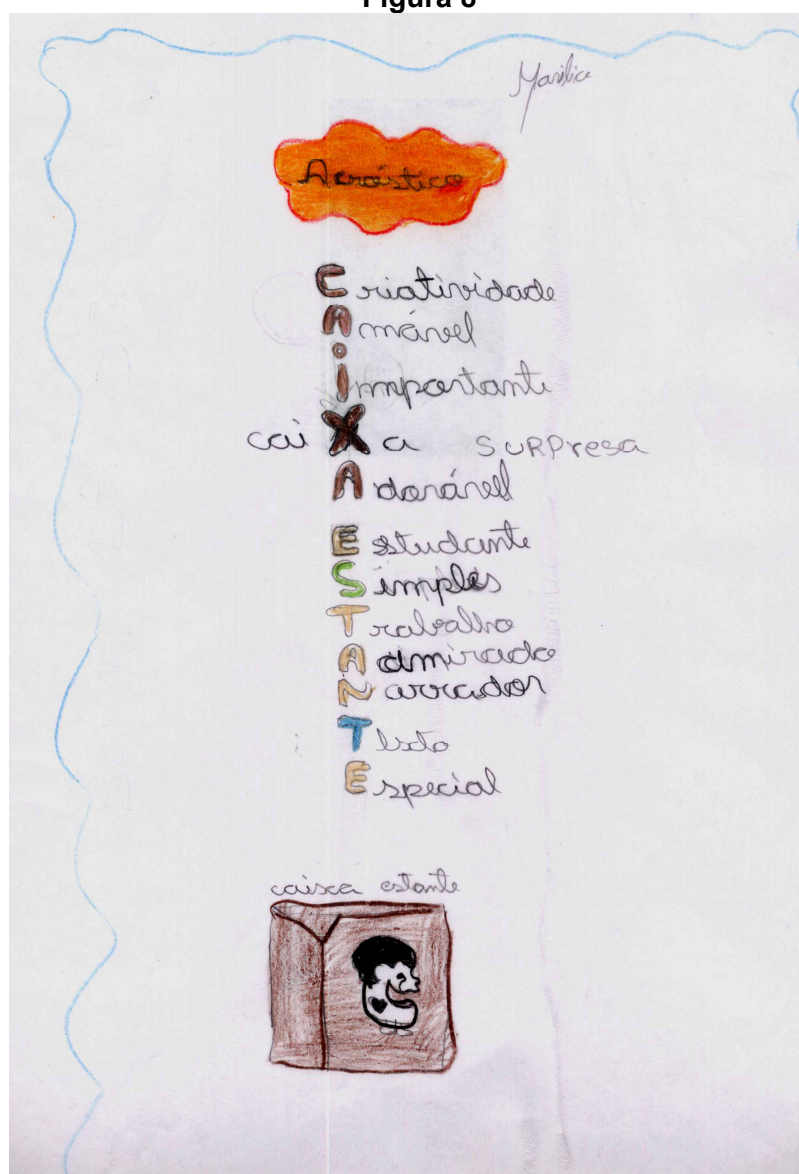
Através da mensagem de boas vindas à equipe do CERLIJ (figura 7) observa-se a expectativa das crianças em relação às novidades provenientes das histórias dos livros contidos na Caixa-Estante. A mensagem de receptividade presente no desenho também é uma expressão de carinho para com aqueles que proporcionam o encanto e a magia do mundo da leitura.

Dessa maneira, fica constatada a importância das pessoas envolvidas nessa prática de iniciar as crianças no mundo da leitura. Lajolo (2003)¹³ diz que “[. . .] na vida de cada leitor existiu, quando criança, um adulto que o introduziu no mundo dos livros.” Nessa perspectiva, comprova-se ser fundamental a proximidade de alguém emocional e intelectualmente ligado aos livros para que as primeiras leituras sejam experiências agradáveis.

¹³ Documento eletrônico.

Desse modo, o prazer pelo ato de ler proporcionado pelos livros da Caixa-Estante é revelado, por meio de um acróstico¹⁴ (figura 8) feito por uma aluna onde está representado todo sentimento de satisfação através de palavras repletas de significados referentes ao serviço da caixa itinerante. Nesse desenho, segundo a metodologia de Moraes (1999), foram aplicadas as categorias **criatividade** e **imaginação**.

Figura 8



Acróstico da Caixa-Estante

Fonte: Arquivos do CERLIJ

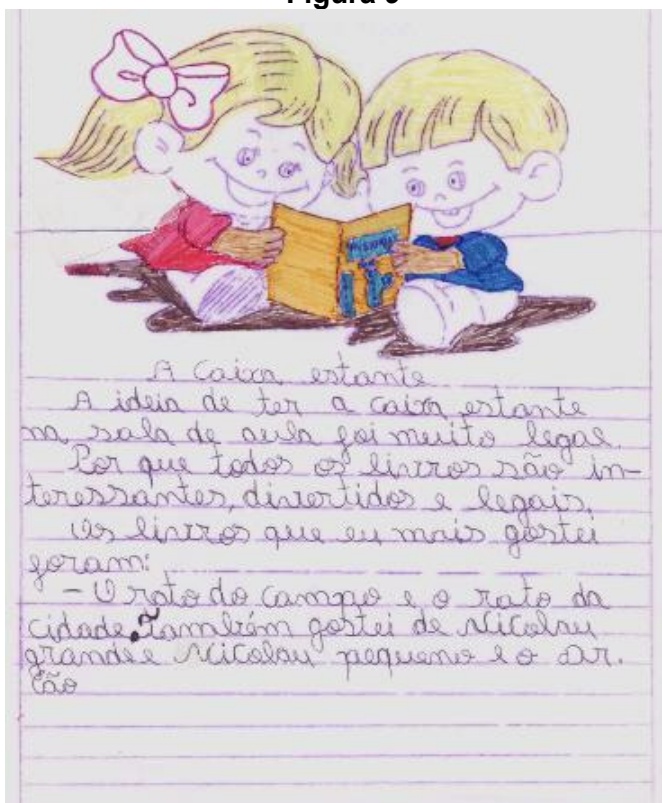
¹⁴ Composição poética na qual o conjunto das letras iniciais (e por vezes as mediais ou finais) dos versos compõe verticalmente uma palavra ou frase. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**: século XXI. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986. p. 40.

Portanto, a leitura da literatura constitui-se fundamental na formação de leitores. Segundo Lajolo (1997) é à literatura que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso afirma:

[. . .] a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 1997, p. 106).

A importância da literatura é declarada pela presença do mesmo contentamento em relação ao serviço da Caixa-Estante na produção do texto que segue (figura 9). Assim como a categoria **emotividade** é estabelecida conforme metodologia de Moraes (1999).

Figura 9



Projeto Arte de Ler: Caixa-Estante

Fonte: Arquivos do CERLIJ

Nota-se que a experiência em sala de aula foi satisfatória e que na visão dos alunos os livros oferecidos foram divertidos e interessantes.

Tendo em vista o que foi mencionado mostram-se relevantes as ações de incentivo à leitura promovidas pelo CERLIJ. Essas ações respaldadas pela literatura infantil e juvenil constituem uma porta de acesso ao prazer pela leitura, a emoções, as possibilidades de criar e estimular a imaginação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promover a leitura, os livros, num mundo onde observamos que os dias trazem inovações a cada minuto, não se constitui em tarefa fácil. Diante da complexidade da atualidade, caracterizada pela realidade virtual, o caráter aprazível do livro parece tender ao obsoleto.

Todavia, as dimensões abrangidas pela leitura alcançam um nível de processo mental bem menos efêmero, indo além da fugacidade de uma imagem. Não cabe aqui condenar os meios de comunicação e os produtos midiáticos pelo afastamento das crianças e dos adolescentes da leitura. Até, porque é muito provável que esses meios de comunicação eletrônica não constituam barreira para a formação de leitores.

O que, na maioria das vezes, ocorre é uma falha na introdução da leitura na vida da criança: ler por dever, *didatização* da leitura, leituras obrigatórias, quem não lê querendo ensinar a ler, etc. Desse modo a leitura da literatura que pode proporcionar prazer, acaba sofrendo as conseqüências como resultado de uma experiência negativa.

Nesse sentido, esse estudo se propôs a avaliar estratégias de promoção e fomento à leitura recreativa realizadas pelo *Projeto Arte de Ler*, pois é fator fundamental descobrir qual é a melhor maneira de envolver as crianças e os adolescentes com a leitura.

As entrevistas realizadas com os professores das escolas atendidas pelo Projeto mostram que há preocupação em se criar um ambiente favorável à leitura. Todas as escolas estão engajadas em atividades de incentivo ao gosto de ler. Também ficou clara a participação da biblioteca enquanto recurso pedagógico,

assim como espaço que oferece livros e encantos. Um ponto positivo a mencionar é que todas as 7 escolas visitadas têm bibliotecas em funcionamento.

Em relação à contribuição do Projeto na formação de leitores, foi unânime a afirmação de que o *Arte de Ler* foi fundamental na projeção do prazer de ler na escola. Um dos pontos ressaltados foi a parceria do CERLIJ nas propostas pedagógicas. Os depoimentos das professoras daquelas escolas atendidas desde o início do Projeto foram baseados em muita cumplicidade no que diz respeito ao desejo explícito de fornecer aos alunos não só instrumentos de interação com o sistema de leitura, mas desenvolver neles a paixão de ler. Pode-se perceber que quando o trabalho é feito com gosto, fica mais fácil descobrir a melhor forma de cativar os alunos.

Os depoimentos dos alunos a respeito do *Arte de Ler* foram fundados em muita admiração, principalmente pela equipe do CERLIJ. Essa mediação converteu-se num fator fundamental na aquisição do gosto pela leitura. Cada manifestação trouxe lembranças da Caixa-Estante e da seção da *contação* de histórias como instrumentos-chave na abertura do mundo mágico da leitura.

Um mundo cheio de encantos e seduções, que traduz emoções, estimula a imaginação e o sonho. Os alunos souberam valorizar esses momentos de promoção da leitura. No relato das crianças, fica evidente o prazer pela leitura, mesmo em tempos em que essa vem sofrendo tanta concorrência.

Uma vez constatado que os alunos melhoraram sua capacidade de leitura compreensiva através das atividades do Projeto, o presente estudo conclui que a metodologia de inserção da leitura na vida dos alunos e professores das escolas atendidas revelou-se eficaz e surpreendentemente capaz de desencadear o gosto

pela leitura. Se a situação da leitura atualmente é preocupante, o *Arte de Ler* vem comprovar que um esforço em favor da leitura ainda pode dar bons frutos.

Nesse caso, o ideal seria oferecer condições na escola, a fim de que todos os alunos tenham oportunidade do acesso às informações e a experiências semelhantes para que possam efetivamente aprender e desenvolver o gosto pela leitura.

Também fica o desejo e a esperança de que cada professor ou bibliotecário desempenhe e represente esse papel de principiar o prazer de ler na vida de cada criança. Então, conforme a abordagem vygotskyana cabe à comunidade escolar e aos outros membros do grupo social servirem de mediadores no processo de aprendizagem, pois o contexto escolar é visto como o lugar social privilegiado para o desenvolvimento da criança.

Assim, espero que a avaliação do *Projeto Arte de Ler* possa de alguma maneira colaborar para que o recém criado Núcleo de Informação e Leitura (NIL) estude a possibilidade de reestruturação dessa ação de extensão universitária tão importante para as escolas públicas de Porto Alegre ou, então, simplesmente sirva de exemplo e estímulo à criação de experiências similares.

O estudo também poderá servir de instrumento para avaliar o que está sendo realizado em relação ao incentivo à leitura, solucionar possíveis falhas do processo e aproveitar aquilo que obteve êxito junto à comunidade escolar. Cabe ressaltar a importância da Universidade inserida na comunidade possibilitando a constituição de novos leitores, assim como a necessidade da permanência dessa integração através de ações que garantam a efetividade de resultados de bom êxito.

E, por último, registro a satisfação na realização desse estudo que me permitiu uma aproximação com professores e alunos de escolas da periferia de

Porto Alegre onde pude constatar o quão relevante se fazem essas ações. Pois, o *Projeto Arte de Ler* por intermédio de seus serviços, leva ao conhecimento dessas crianças o prazer que um livro pode proporcionar, mostra que elas também podem, têm direito e merecem usufruir desse prazer que abre horizontes ilimitados. Conforme os diferentes contextos onde atua, o Projeto planta nos indivíduos a semente do desejo de descobrir novos mundos, novas vivências, novas possibilidades através da leitura. E, com isso, novas vidas, mais plenas e felizes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ALVES, Rubens. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1988. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 9).

_____. O prazer da leitura. **A casa de Rubens Alves**. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/oprazerdaleitura.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2005.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1986.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em bibliotecas públicas e escolares**. Porto Alegre: Sagra - D.C. Luzzatto, 1995.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

COSTA, Christiane Laurito. Contar e ouvir histórias: um acesso ao mundo da leitura e escrita. **Revista psicopedagogia**, São Paulo, v. 19, n. 57, p. 76-79, nov. 2001.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola: funções educativas e culturais são desempenhadas pela instituição. **Revista do professor**, Porto Alegre, v. 20, n. 80, p. 12-14, out./dez. 2004.

_____. Formando o leitor: livro, biblioteca e primeira infância constituem a trilogia do afeto. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 18, n. 71, p. 5-8, jul./set. 2002.

_____. O professor e a biblioteca escolar no resgate da prática da leitura. **Revista de educação AEC**, Brasília, v. 21, n. 85, p. 47-51, out./dez. 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1990. (Coleção Polêmicas do nosso tempo; 4).

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).

GUSMÃO-GARCIA, Sílvia Craveiro; SILVA, Antônio Manoel dos Santos. O livro, a criança, os meios de comunicação: problemas, passes e impasses de leitura. **Comunicação veredas**: revista do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade de Marília, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 371-391, nov. 2003.

JESUS, Ana Lúcia Barbosa Caetano de. Projeto Centopéia: ler para descobrir, experimentar e criar. **Pátio**: revista pedagógica, Porto Alegre, v. 8, n. 30, p. 34-37, maio/jul. 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Fazendo a cabeça com literatura** [03 ago. 2001]. Entrevistador: Ebenezer de Menezes. Agência EducaBrasil. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/exe/texto.asp?id=454>>. Acesso em: 13 out. 2005.

_____. Leitura: você faz a diferença. In: **Nova Escola Online**. Seção Com a Palavra. Edição n. 168, dezembro 2003. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/168_dez03/html/indice>. Acesso em: 14 out. 2005.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer** [set. 2001]. Entrevistadora: Priscila Ramalho. Rio de Janeiro. Nova Escola On-line. Seção Fala, mestre! Edição n. 145, setembro 2001. Disponível em: <http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/145_set01/html/fala_mestre>. Acesso em 16 out. 2005.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura e formação do gosto** (por uma pedagogia do desafio do desejo). Série Idéias, São Paulo, FDE, n.13, p. 101-106, 1994. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=005>. Acesso em: 09 set. 2005.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Orgs.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 157-163.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, ano XXII, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIN, EDGAR. **O mestre tem obrigação de formar** [27 jun. 2000]. Entrevistadora: Viviane Viana. O Dia, Rio de Janeiro. In: Centro de Referência Educacional. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/entremori.htm>>. Acesso em: 28 set. 2005.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Ler e escrever na biblioteca. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Orgs.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 219-229.

ORTHOF, Sylvia. A promoção da leitura. In: SEMINÁRIO DE ANIMAÇÃO CULTURAL E DE LEITURA, 1990, Belo Horizonte, MG. **Textos reunidos**. Belo Horizonte, [1990]. p. 19.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em educação; 38).

RÖSING, Tania Maritza Kuchenbecker. **Temas de leitura para um leitor em formação**. Disponível em: <<http://alonsoquijano.org/cursos2004/animateca/recursos/Hemeroteca%20virtual/PUBERTAS/PL%209-10/Tania%20Rosing.pdf>> Acesso em: 28 set. 2005.

SILVA, Carla Elisabete Cassel; ROCHA, Milene Linden da; CAREGNATO, Sônia Elisa. Projetos de leitura vão às escolas. **Revista de biblioteconomia e comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 325-330, jan./dez. 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil. **Promoção da leitura informativa e recreativa na escola fundamental: Projeto Arte de Ler: projeto de extensão**. Porto Alegre, jan. 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara F. **Vygotsky e a educação**. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html>>. Acesso em: 18 set. 2005.

APÊNDICE A — Roteiro de entrevista com professores

Nome (facultativo):	
Escola:	
Série (s):	Turma (s):
Formação:	

1) A escola tem biblioteca?

2) Qual o relacionamento de seus alunos com a leitura?

3) Você acha que o *Projeto Arte de Ler*, através do serviço de Caixa-Estante e da seção de *contação* de histórias, contribuiu para a formação de novos leitores?

(Se afirmativo, de que maneira?)

4) O Projeto despertou o interesse pela leitura?

5) No seu ponto de vista, qual a importância/significado do Projeto para a escola?

APÊNDICE B — Roteiro de entrevista com alunos

Nome (facultativo):	
Escola:	
Série:	Turma:
Idade:	
Sexo:	

1) O que você acha do *Projeto Arte de Ler* (Caixa-Estante/Contação de histórias)?

2) Você gosta de ler? Por que?

3) O que você gosta de ler?

4) Você gosta de ouvir histórias?